

Carlos Lúcio Gontijo

VIRGEM SANTA SEM CABEÇA





“(...) Tempo passado no malpassado, eis que, sentindo-se mal-amado e desprezado, com o pensamento perdido no horizonte, olhou para trás, envolto em lembranças da humilde e preterida apanhadora de cocos. E viu ao longe as mesmas pegadas antigas impregnadas na areia branca. Descobriu, então, que havia errado de paixão e que o amor não é um sentimento rápido, não se dilui em mares nunca dantes navegados: vai caminhando em nós, lentamente, dando-nos a chance de aprender a ver, decorar retas e curvas entre suores corporais, eternizando risos, lágrimas, marcas e cicatrizes. Daí, dessa forma arrebatado, foi só acompanhar as pegadas na areia e ir ao encontro do amor verdadeiro com o sabor gostoso de água de coco...”

*Caros leitores, tomamos a iniciativa de abrir essa apresentação do romance *Virgem Santa sem Cabeça* com um trecho extraído de seu excelente conteúdo, como costuma acontecer com os trabalhos literários de Carlos Lúcio Gontijo, que há 25 anos vem acumulando o reconhecimento da crítica especializada. Sua obra já se acha enfilexada em nove livros, compreendendo poesia, prosa e ficção. Não fosse ele dotado de grande talento e vocação para as letras, ainda mais se valoriza perante os seus admiradores pela consciência político-social*

VIRGEM SANTA SEM CABEÇA

Carlos Lúcio Gontijo

Copyright © by CLG, 2002
Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1.107 – 402
Contagem – MG – CEP 32 341-100
Tel.: (31) 3351- 6924



Carlos Lúcio Gontijo
Virgem santa sem cabeça
Romance e poesia – 1ª ed.
Belo Horizonte, 2000
146 páginas, il.

Revisão:

Berenicy Raelmy Silva

Composição:

Conceição Nina de Oliveira

Capa e Ilustração:

Evandro Luíz da Silva

Programação Gráfica:

Nivaldo Marques Martins

Se diligente fosse o procedimento usual dos que alinhavam (ou cirzem) o cada vez mais esgarçado tecido social, que cobre um povo “a-b-c-izado” e não conscientizado, eles seriam aclamados como tecelões e não políticos...

PREFÁCIO

Em toda a sua obra de ficção, *Carlos Lúcio Gontijo* usa a fantasia para melhor penetrar na realidade. Há fantasias que são mais verdadeiras que a própria realidade. Inutilmente, por exemplo, o presidente Fernando Henrique Cardoso nega ter dito “Esqueçam tudo o que disse e escrevi”, porque esta frase é o retrato falado da sua personalidade e de seu caráter, refletindo, melhor que todos os seus escritos, o que ele, de fato, é. Sendo um mitificador nato, o nosso presidente, no entanto, não consegue esconder, através das palavras, a verdade que o seu silêncio tenta muitas vezes ocultar. Ele é mais verdadeiro no que deixa de dizer do que no que diz. Para ser verdade, a frase-biografia de FHC não precisou ser pronunciada. Como diz o povo, “estava na cara”: não necessitava de estar na boca.

No seu romance-poesia “*O Contador de Formigas*”, seu sexto livro (1998 – 1ª edição; e 1999 – 2ª edição), *Carlos Lúcio Gontijo* lembra que, ao restaurarem, em junho de 1997, a Casa da Ópera, em Ouro Preto, os operários encontraram, por acaso, uma porta, nos fundos, pela qual só entravam trabalhadores pobres, que não tinham direito de assentar-se na platéia. À primeira vista, tratava-se de odiosa discriminação. Mas, comparada com o que acontece nos nossos dias, pode ser vista como uma concessão aos menos favorecidos, que hoje não dispõem sequer de uma porta secreta para entrar no teatro da vida.

Quem lê os romances-poesia de *Carlos Lúcio Gontijo* percebe, claramente, que o objetivo de sua ficção é, através de

uma crítica social arguta e bem tecida, a busca por uma porta, mesmo escondida, através da qual os deserdados da sorte possam entrar, furtivamente, na Casa da Ópera do mundo e assistir, embora de pé, ao espetáculo da vida que os bafejados da sorte acompanham refestelados nas suas poltronas.

Uma das principais preocupações dos que governam a Terra do Sol Eneblinado, onde a Virgem Santa sem Cabeça é padroeira, é com a igualdade de oportunidade para todos. “Não podemos admitir” — explica o pastor Belchior Agua Benta numa das suas falas — “que caíamos nos mesmos erros em que vivia a sociedade de onde vieram os nossos fundadores. O crescimento econômico não pode ser construído de forma seletiva, abandonando ao longo do caminho um enorme contingente de miseráveis, vistos friamente como dejetos, peças descartáveis, pelos agentes e promotores do progresso”.

O enredo do romance evidencia a importância da participação do povo nas decisões a respeito do destino da Terra do Sol Eneblinado. “Todo poder autoritário” — diz Aluvião Aguadio, juntando-se à multidão — “é fruto da cessão de direitos da parte do povo que, quando unido, vence batalhas sem confronto armado, pois governo algum é capaz de promover carnificina explícita nem jogar nas cadeias e masmorras um povo inteiro”.

Não quero me adiantar, comentando o enredo de “Virgem Santa sem Cabeça”.

Dele o leitor tomará conhecimento lendo este romance-poesia, escrito em linguagem clara e escorreita, em que os acontecimentos estão prenhes de vida, e a vida cheia de ensinamentos.

Celso Brant
*Professor de Direito, jornalista, escritor,
ex-deputado federal e
secretário de Estado e Ação Social de Minas Gerais,
na administração
Itamar Franco*

DEDICATÓRIA

Aos que têm a fé e a família como um contraponto à chamada era digital, tão distante de Deus quanto, contraditoriamente, carente de afagos e toques verdadeiros.

SUMÁRIO

Introdução	-10
Capítulo I Virgem santa sem cabeça	-13
Capítulo II	Meio - 22
Capítulo III	Amor úmido - 29
Capítulo IV	Espermograma - 37
Capítulo V	Hematomas - 44
Capítulo VI	Jeito - 50
Capítulo VII	Pequeno infinito - 58
Capítulo VIII	Fotografia - 65
Capítulo IX	Corrimão - 70
Capítulo X	Divisor incomum - 77
Capítulo XI	Antiquário - 89
Capítulo XII	Flor líquida - 96
Capítulo XIII	Festa dos poros -103
Capítulo XIV	Chuva natural -112
Capítulo XV	Sombras acesas -119
Capítulo XVI	Meio-pedra -128
Capítulo XVII	Lição de casal -135

INTRODUÇÃO

Terra do Sol Eneblinado é um lugar imaginário, onde a boemia acontece durante o dia e os homens podem, legalmente, abandonar as esposas quando elas dão à luz. No mais, seus habitantes são cientes de que foram descobertos por acaso e fazem de tudo para não seguir os mesmos passos da civilização de onde vieram seus fundadores, principalmente não repetir os caminhos tomados por um tal de Brasil, no qual, pelo que lhes deixaram escrito dois de seus fundadores, o surrealismo não tinha limites. As pessoas não conviviam bem com a verdade, tinham dificuldades em lidar com a realidade. Desde o princípio, a penumbra da dúvida os sondava: afinal, foram descobertos por acaso ou não? Suas caras de tímidos silvícolas pecadores certamente levaram o navegador português que os descobriu, Pedro Álvares Cabral, a celebrar uma missa de benção e descarrego. Desconfiado quanto ao futuro desempenho (e empenho) do povo recém-contactado, mandou à Corte uma carta, escrita por um membro da tripulação chamado Pero Vaz de Caminha, enfatizando a riqueza daquele solo: “Em se plantando tudo dá”. E, como não plantaram, não deu...

Prestes a completar 500 anos de sua descoberta, aquele país ainda não sabia eleger prioridades e se comportava como um adolescente, viciado em colonialismo e especiarias de além-mares. Como se fosse a mesma nação indígena de seus primeiros anos de existência, ainda trocava o ouro

pelo espelho. E, de tanto seus cidadãos andarem de costas para o futuro, ou vê-lo de costas para eles, elegeram o traseiro, a região glútea, como a parte mais bonita e sensual do corpo humano. Não havia nação mais cristã que aquele Brasil nem, ao mesmo tempo, tão “bundista” e pagã.

De certa forma eles se sentiam incomodados com a inegável preferência, pois viam aquele incontido desejo sexual como um desvio de conduta, uma tara ferindo-lhes o sentimento cristão, porque sua filosofia moral era moldada no costume de confundir a onipresença de Deus com o olho da sociedade, a vigília do vizinho. Até os governos que tinham os enganavam, como se, assim procedendo, estivessem, por tabela, enganando a Deus.

Se não houvesse ninguém os observando, era como se Deus também não os visse. A máscara, os disfarces, o embuste, o carnaval, o futebol, a bebida, a música e a dança os satisfaziam plenamente, eram como um refrigério para a sua timidez endêmica, seu ar de bom-mocismo, próprio de quem estava sempre predisposto a reprimir o chamado dos poros e da carne.

Um dia, certa feita, apareceu dentre eles um símbolo sexual que tinha a cara deles. Ou seja, não tinha cara alguma, pois que se escondia por detrás de uma máscara, que se lhes representava o reflexo da fantasia com que encaravam a própria vida, ainda que essa atitude lhes custasse desenganos e dissabores. O destino deles era agir ao contrário, ser camaleão, escrever certo por linhas tortas.

E lá vem a mulher mascarada. Não lhes importava o

seu rosto, o que contava eram suas nádegas. Não era preciso que a moça falasse. Bastava-lhes que rebolesse. O país inteiro decodificava e entendia o seu bundanês, a linguagem dos bumbuns. Independentemente de classe social, os brasileiros eram bundoglotas pela própria natureza e profundamente ligados ao assunto, mesmo que prejudicados pela cultura da hipocrisia, sinônimo de “me engana que eu gosto” (máscara com que enfrentavam as luzes do cotidiano), arma psicossocial com a qual negavam o derramar espontâneo de seus arrepios mais íntimos e naturais e a certeza de que seus governos os traíam.

A mulher mascarada, que, segundo os escribas do passado, chama-se Tiazona, se lhes apresentava como uma libidinosa ilha da fantasia, escondida atrás de sua camuflagem indevassável, uma peça frágil que não queriam que caísse de sua face, porque oravam e torciam pela perenidade de seus encantos sedutores, complementados, ou melhor, adornados por seu chicote, que os entorpecia feito no tempo de seus pelourinhos e os deixava submissos a seus pés.

Terra do Sol Eneblinado, onde a Virgem Santa sem Cabeça é padroeira, tem um pouco de todo esse surrealismo daquele Brasil, com a diferença de que o seu povo tem consciência plena de que nada lhe cairá dos céus, que a santa de sua devoção apenas lhes concede calor e energia, cabendo-lhes agir, enxergar por ela e construir o bem-estar social com o milagre e a força do próprio braço.

CAPÍTULO I

VIRGEM SANTA SEM CABEÇA

Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça
Que anda neste mundo e não tropeça
Peça a mim o que bem lhe aprouver
Tudo o que quiser eu logo farei
Entregar-me-ei de coração limpo
Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça
Quero ser seus olhos no Olimpo
Ajudá-la-ei no garimpo das estrelas luzidias
Que feito garotas descrucificadas rumo ao mar
Desfilarão vadias diante do meu olhar
Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça
Cada qual com seu jeito de luz menina
Rogando por um perfeito banho rejuvenescedor
No amor azul-piscina de sua aura
Onde todas as galáxias recuperam a claridade
E o ser humano em momento de desengano,
Sob o manto ameno de sua bondade
Sente-se à vontade como amado filho
E pelo próprio brilho reintegra-se ao universo.



— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Pastor Belchior Água Benta vinha pelas ruas gritando o seu refrão. Às vezes, bêbado; outras vezes, como se estivesse possuído, porém sempre lúcido, defendendo a filosofia de que, se Deus nos livrou dos abismos ao criar a força da gravidade que nos prende à Terra, foi para conscientizar-nos da necessidade de sonhos, metas e regras, para que não nos afastemos da busca de igualdade e associação entre as pessoas, que deve ser colocada acima dos interesses efêmeros.

Belchior Água Benta não era nenhum santo. Herdeiro da sabedoria dos fundadores ou, melhor dizendo, dos descobridores casuais da região, à qual chegaram após dobrar as marés e redemoinhos de um tufão que pegou de surpresa um avião de cientistas em expedição patrocinada pela comunidade mundial, com a missão de combater um misterioso vírus que, da Antártida, ganhava os mares através do derretimento das geleiras, sofrendo a ação do efeito estufa e do comprometimento da camada de ozônio, atingida por gases derivados da poluição atmosférica.

No acidente, morreram 85 pessoas, de uma tripulação total de 120 passageiros. Vinte mulheres e quinze homens sobreviveram à tragédia, indo parar num vale perdido entre montanhas cobertas de permanente neblina e onde o sol não padecia de sofrimento para nascer nas entranhas dos horizontes: surgia no meio do céu, após vencer a penumbra branca, tinta jogada pela evaporação derivada dos picos de gelo, provando que excesso de luz se transforma em escuridão — cega os olhos.

A qualidade intelectual dos passageiros daquele avião garantiu aos acidentados manter alguma calma e perspectiva de que encontrariam algum meio para se safar da situação e lançar sinais que facilitassem a sua localização. Todavia, não tardou para que concluíssem que, se existia o fim do mundo, eles o haviam encontrado, pois nem mesmo a bússola de que dispunham funcionava naquelas paragens. O radiotransmissor, apesar de inexplicavelmente intacto ao pé de uma montanha cuja altura parecia penetrar céu adentro, também não funcionava. Era apenas mais uma peça entre os destroços. Ali a gravidade da Terra se apresentava aos “náufragos” dos céus mais concentrada, como se aquele pedaço de chão fosse um planeta independente, girando em outra dimensão.

Cuidaram os sobreviventes de juntar tudo o que sobrou do infausto: roupas, comida, livros, alguns instrumentos científicos, medicamentos etc. Enquanto os dias se passavam, Felizberto Honoris Carcará, o sociólogo da tripulação, incumbia-se de traçar um projeto-modelo de sociedade, pois, se

acaso não saíssem daquele buraco entre montanhas, a comunidade que nascesse do grão de seus primeiros habitantes haveria de ostentar um estatuto político-social tanto real quanto distante dos males que estavam a corroer o mundo civilizado de onde vieram.

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Bradava Belchior Água Benta, sob o sol de meio-dia.



Hora da mais alta boemia. Na **Terra do Sol Eneblinado**, as pessoas dormiam de dia e trabalhavam à noite, quando o calor arrefecia, possibilitando a homens e mulheres uma capacidade de produção muito maior e menos estafante. Dividia-se o território em três pequenas cidades. **Sedenta**, era a sede. Em Sedenta era

onde se encontrava a única fonte de água potável, sendo responsável, então, por todo o abastecimento para consumo humano. **Salobra**, situada ao norte, era terra de água salgada, na qual não adiantava furar cisternas. Porém, os nobres do local eram proprietários de uma pequena fonte de

água potável, que garantia a produção de suas lavouras e, aproveitando-se da ignorância do povo, protegiam as matas ciliares lindeiras ao veio d'água com a propagação de uma lenda que lhes foi desenhada após uma tempestade que amontoou lixo no sopé de uma montanha escura, onde o vento constante fazia cair flocos de neve. O lixo amontoadado pela tormenta, fato raro na Terra do Sol Eneblinado, formou os traços de um enorme e estranho bicho, logo batizado de “monstro silencioso”: sempre no mesmo lugar, imóvel, mas cada vez maior, assim como a crença de que se tratava até mesmo de um animal carnívoro caído dos céus, provando-nos quanto uma mentira pode tornar-se inarredável realidade, quando encontra sustentação na fragilidade educacional da população.

Saneamento, a terceira cidade, era também chamada de Planalto, terreno plano, que ardia ao sol escaldante, habitada por homens altos em matéria de ensandecimento. Ali se juntavam ladrões, homicidas, prostitutas, homossexuais e até gente do tipo fina flor da sociedade, mas pega em mau exemplo ou incúria na condução da coisa pública. O objetivo da livre prisão, com intervenção apenas educativa do governo-geral, sediado em Sedenta, era estimular a sensibilidade comunitária de cada um. Ou seja, a intenção era fazer com que o transgressor da lei e da ordem descobrisse a necessidade de união e conagração em prol da realização do bem comum. Acreditavam que um homem não pode ser uma ilha rodeada de pessoas por todos os lados. Um mirante indiferente aos acontecimentos, pois, se ele não estender

os braços-em-ponte, padecerá da pior espécie de solidão de que se pode vivenciar: sentir-se só na multidão.

— “As pessoas são paisagens que andam e que devem ser dependuradas nas paredes da galeria de nosso coração” — costumava filosofar o pastor Belchior Água Benta.

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Lá ia o pastor, cinco horas da tarde, desfiando o ritual de todo o dia, após uma boemia que começava às seis da manhã, quando terminava a labuta noturna. Belchior funcionava como um despertador com seus berros, enquanto se encaminhava até o longo mar, que surgia por debaixo das montanhas e circundava toda a Terra do Sol Eneblinado, onde tomava seu banho. Depois rumava-se para a “casa pastoral”, para vestir-se e perfumar-se com ervas medicinais e bentas, segundo pregava, a fim de ungir-se e afogar os pecados e, lógico, a ressaca. Isso feito, tocava o sino e esperava pela chegada dos fiéis que todos os dias, antes de se encaminharem para o trabalho, cumpriam a sua missão de filhos da “Virgem Santa sem Cabeça”. Uma imagem encontrada durante os primeiros dias de descobrimento e que serviu para unir crença e consciência em um só feixe, porque, se de um lado o corpo da santa emitia calor, energia e força, ela dependia, por outro, da cabeça, dos planos e das boas intenções de seus súditos. A Virgem Santa sem Cabeça protegia, ao passo que a seus súditos cabia agir em seu nome.

A bem da verdade a imagem da santa acéfala espelhava a própria natureza de Terra do Sol Eneblinado, em que o

sol mais transfigurava uma fogueira feita com lenha molhada, com o fogo ardendo em meio à fumaça.

Os sermões-palestra de Belchior Água Benta eram sempre um misto de vida e fé. Aos olhos de quem chegasse sem conhecer a história daquele povo, soaria como um discurso fálico, uma promiscuidade revestida indevidamente com o manto da palavra de Deus. Contudo, em lugar algum coberto pela imensidão dos céus, não se encontraria uma gente mais devota nem mais livre no arrastar das correntes e no debulhar as contas de seus terços.

— Boa-noite, irmãos. Que a paz de Deus e a energia da Virgem Santa sem Cabeça estejam convosco.

— Que conosco estejam e que em ti perpetue, pastor Belchior.

Era o início de mais uma cerimônia religiosa.

— Caros irmãos, os inimigos de Deus e da paz social devem ser civilizadamente aniquilados através da evangelização e da educação. Nas anotações de nossos antepassados temos o registro de um índio chamado Seig-Seig, que habitava uma reserva, sinônimo de gleba-prisão para aqueles que haviam perdido suas terras, tomadas pelos endeusados conquistadores. O nome da tal reserva era Guarapuava, localizada numa região chamada Paraná, situada num país denominado Brasil, onde a grandeza geográfica minguava no comportamento de suas elites, que insistiam em fazer da desigualdade social uma regra e não uma exceção. Dizia-nos o índio Seig-Seig, no longínquo ano de 1978: “Meu povo está com medo. Eu também. Mas não posso mostrar

meu medo. Tenho medo do progresso do mundo”.

— Pastor, mas que tem isso a ver conosco? Isso é coisa de outra gente, de outros tempos — pondera a fiel Solara.

— Não, Solara. Quando o assunto é promover mudanças e tentar construir progresso, os tempos se igualam, porque está em jogo o destino do ser humano. E seja lá em qual tempo estivermos, o que conta é o respeito ao ser humano, componente de todo avanço, quando a intenção for contribuir realmente com a democracia e não chafurdar sua essência. As ditaduras morrem por si mesmas porque, sob o jugo do poder discricionário ou a inação do servilismo, não prosperam nem a cooperação nem a cidadania. Assim morrem os tiranos e os países que se deixam guiar pelo signo da desigualdade e dos privilégios desmedidos. Deus é grande porque é uno e único. Os varais de seu reinado são estendidos a todas as almas que nele queiram quilar suas aflições, contentamentos ou mesmo pôr a secar suas feridas. É tolice querermos separar mente e corpo, principalmente porque, segundo a Bíblia Sagrada, livro deixado para nosso regozijo por nossos descobridores, o filho de Deus foi semente lançada por Ele mesmo na carne da Virgem Maria, sob a certeza divina de que prosperaria, pois o canteiro carnal é abençoado: nele os homens semeiam amores e prazeres físicos e colhem espíritos, navegantes de Deus em nossas veias.

Enfim, todo homem é merecedor de respeito, mesmo os ímpios, pois que sem eles não saberíamos dimensionar ou visualizar o que é bom. Se Deus, em sua sabedoria, pre-

servou o demônio, quem somos nós para ousar extirpar o mal, que, na realidade, é apenas mais um prato integrado ao cardápio da vida. E, infelizmente, há quem goste e paga caro por isso. Ide ao trabalho, irmãos, pois é o suor do rosto que legitima e dá valor ao pão nosso de cada noite. Agora reze-mos a oração em honra à nossa Virgem Santa sem Cabeça, que nos abençoa com a delegação de que pensemos por ela, como se cada um de nós fosse uma espécie de santo, capaz do milagre de usar o livre-arbítrio para o bem e a boa ação:

— Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça...

CAPÍTULO II

MEIO

*Os homens são o meio natural
As coisas os esperam ao meio
Pois esse é o meio da mútua realização
Os corredores nos levam aos quartos
Os seios nos conduzem ao sugar da infância
No parto as mulheres eternizam a espécie
O meio é o nada de tudo
Contudo necessitamos do meio
Indicando-nos o porto e a praia
Levantando velas e saias
O meio é meio vento, meio brisa
Não ocupa espaço nem demarca tempo
Soerguer é sua serventia mais precisa
Só é meio quando alavanca desejos
Governo sem ensejo não é meio
É bandeira a meio-pau em luto nacional
Troca o meio do bem pelo meio do mal
Passa apenas a assistir impotente
À lágrima morrendo à margem quente
No meio da face de sua gente humilde
Que se fingindo inocente e alienada
Ainda encontra no meio da invernada
Meio de estampar um riso inteiro...*



— Paixão Úmida, saia da janela. Isso é coisa de moça regateira.

Imprecava João da Paixão Úmida, pai de dois filhos, Maria da Paixão Úmida e Mariano da Paixão Úmida. Homem severo, renitentemente prussiano, capaz de gestos afetuosos e, ao mesmo tempo, intempestivos. Gênio do tipo chuva de verão, espontâneo e verdadeiro nos erros e acertos. Pragmático e ateu confesso, o invejado proprietário da maior fonte de água potável de Terra do Sol Eneblinado, demonstrava, através de seu amor à coletividade, uma indelével e viva exercitação de Deus.



— Ah, pai, o movimento da rua é festa para os meus olhos. Gosto de ver e ser vista pelas pessoas...

— Não me engana, não, filha. Você espera ver é o doído daquele pastor que tem muitas qualidades. É um homem

ligado às coisas dos céus, poeta, guardião das leis que regem a sociedade desde os mandamentos escritos pelo sociólogo Felizberto Honoris Carcará, nosso popular FHC, um homem que entendia tanto da civilização de onde veio que foi capaz de exterminar grande parte de suas convicções a fim de nos legar uma nova sociedade.

— Então, pai, se o pastor Belchior é representante e guarda-mor de nossa religião e princípios constitucionais, que mal há em admirá-lo?

— Vá para dentro, Paixão. Admirar, sim; mas o que você quer é torná-lo meu genro. E isso eu não quero. Você tem que se casar é com o Riomar.

Maria da Paixão Úmida não se fez de rogada. Sabia que já havia abusado da sorte e que não demoraria muito para que “o velho” colocasse para fora seus demônios, ainda mais que era noite de lua cheia. João da Paixão correu ao engenho, onde álcool, cachaça, garapa e rapadura eram fabricados. Riu consigo mesmo no meio dos trabalhadores.

— Estranha vida, uns adoçam o caminho, outros nos inebriam. O encapetado daquele pastor consegue realizar as duas coisas simultaneamente.

Paixão Úmida não tinha mãe. Mareara Úmida morreu ao dar-lhe à luz. E seu pai não mais casara. Tinha ao seu redor um inseparável eunuco de nome Florano Orvalho, dando oportunidade a todo o tipo de comentários. Feitos veladamente, é claro, pois ninguém era tolo de contrariar o poderoso senhor das águas.

— Paixão, Paixão.

Chegava ao engenho o jovem Riomar, filho do pastor Belchior Água Benta, chefe do setor de fiscalização do consumo de água, ao qual cabia também o combate a todo o comércio de produto tão vital para os habitantes de uma região tão seca. Riomar era casado com Luzfonte, entretanto, Paixão estava prometida a ele pelo pai, pois, segundo os ditames que regiam a lei do direito familiar de Terra do Sol Eneblinado, onde as mulheres eram maioria, desde os primeiros dias, os homens contavam com a permissão legal de deixar a esposa assim que o filho nascesse. Ou seja, FHC, o sociólogo, que traçou toda a Constituição, tomado pela sanha neoliberal de seu mundo de origem, houve por bem reverter todo o procedimento usual: filho, em vez de prender, era passaporte, carta de alforria para os homens, bastando para essa efetivação uma simples declaração de que já não sentia mais desejo nem tesão pela companheira. E como o governo-geral tinha por meta incentivar a reprodução, a fim de compensar os baixos índices de natalidade e de longevidade, que pareciam afetados pelas condições climáticas da região, o costume foi muito bem absorvido, ficando o sustento da mãe e do filho “preteridos” aos cuidados do Estado, com determinada contrapartida de apoio financeiro e afetivo do marido que declarava “incompatibilidade” sexual.

— Aqui, o mar circunda a terra como se fosse uma lagoa salgada. E os homens imitam a sua margem nua e estéril.

Asseverava a parteira, curandeira e raizeira Correnteza

das Ervas que, junto com outros de igual currículo, era tudo o que restava do grupo de cientistas que ali aportaram, mas que se perderam em vaidades e jogaram fora todo o conhecimento, tanto por não avançar no sentido da cooperação quanto por insistir na competição. Não trocaram informações entre si nem deixaram seguidores. Foram os primeiros a sucumbir às intempéries do lugar e, ademais, se julgavam intelectuais demais para alimentar qualquer perspectiva de alicerçar um mundo novo, caso não se viabilizasse alguma saída ou chance de retorno ao ponto de partida.

— Paixão, que negócio é esse. Você está prometida a mim, mas andam dizendo que você gosta mesmo é de meu pai pastor. Isso é verdade?

— Que é isso, Riomar? Mas ainda que fosse, eu não admitiria. Sou muito nova para carregar o peso de uma desavença em família. Já me basta o ônus de ser filha do homem que detém a posse da água.

— Então você não desmente.

— Não. Nem uma coisa nem outra. O que eu me recuso é falar no assunto.

O educado e gentil Riomar perdeu as estribeiras. Fez tremer o chão, tonitruantemente.

— Eu é que sou um tolo. Onde já se viu me deixar apaixonar por filha de homem poderoso, que anda com um eunuco, se proclama ateu, mas permite que seu bode de estimação freqüente a igreja cotidianamente, como se com isso estivesse se penitenciando de seus pecados.

— Vamos parar com isso. Você foi longe demais. Eu

não tenho culpa de você não conseguir engravidar sua mulher! — desse jeito bradou João da Paixão Úmida, que, para a infelicidade de Riomar, ouviu o desfecho da discussão.

— Desculpe-me, senhor, eu saí de mim diante das ironias de Maria da Paixão.

— Eu o desculpo, mas você está condenado a passar sessenta dias em Saneamento.

— Mas, patrão!

— Patrão que nada. Eu sou é devotado à ordem. Intimidades não devem ser julgadas em público e, no mais, acho que, durante sua estada em Saneamento, você poderá ajudar àquele povo sofrido. E tem mais, está havendo muita comercialização ilegal, um tráfico criminoso da água que queremos ver sempre gozando de acesso democratizado. Aproveite para assuntar a população de Saneamento e talvez você descubra algo que lhe auxilie em sua função pública de fiscal das águas.

Riomar saiu cabisbaixo, passou em casa, despediu-se da mulher, Luzfonte, e foi para Saneamento. Maria da Paixão Úmida, temendo sobrar para ela os laivos da ira do pai, sumiu do mapa. Aquietou-se em seu quarto, porém decidida a dar vazão a seu amor pelo pastor Belchior, ao qual elegeu como meio, fio condutor que a ligava às coisas do coração, carente do abrigo de um braço amado, transformado em seixo com que o cinzel do tato e da entrega construiria a canoa que a conduziria à eternidade feita de momentos, átimos, minutos e segundos.

Paixão Úmida conversava consigo mesma. Autoconso-

lava-se e embanhava seu amor no alinhavo da ação, na disposição de se declarar. Não pensava em eternidade, apenas almejava a possibilidade de usufruir de um amor guardado na alma e na memória, navegando na concha de beijos sobre as águas da saliva, ou, feito nuvem, passeando no céu de sua boca; imaginava com alegria a hora em que apascentaria nos braços, revestidos de calor de berço embalando o peito, as ovelhas brancas e negras do rebanho do amor.

Janela entreaberta, Paixão Úmida olhava o céu e, de coração aberto, poetizava: somos do amor o meio, o caminho. Tenho que me abrir, dar passagem, revelar meu sentimento. Quero, por uns tempos, ser amada no singular a fim de que me desmanche em plural, feminino e masculino para sempre, ainda que abandonada mais tarde.

Amo Belchior desde a primeira palavra. Creio que amor à primeira vista é quando dois olhos se encontram e acendem a luz como se tivessem se visto ontem...

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Era o pastor cortando o silêncio do sol do meio-dia. Paixão Úmida saiu sorrateira acompanhando-o a distância, esperando o momento propício e a hora exata para lançar sobre ele o bote inflado de seu amor.

CAPÍTULO III

AMOR ÚMIDO



*Quando faço amor
Sou cor destilada em suor
Perco-me em sadias loucuras
Olhos fechados enquanto o tato procura
Nem é preciso que eu veja
Basta-me a visão do lábio que beija
Tudo em volta me quer, saltita, voeja
Tenho a certeza da mulher amada
Que sobre mim rega e adeja
Colhendo em meu jardim a umidade
Que em seguida dela mereja...*

Maria da Paixão Úmida não poderia ter escolhido dia melhor. Comemorar-se-ia o dia da padroeira Virgem Santa sem Cabeça e todos dormiriam até mais tarde a fim de agüentar o batente dos festejos e também os encontros políticos, com reuniões de associações comunitárias, entidades filantrópicas e representantes independentes do povo, sob o comando do governador-geral João da Paixão Úmida que, apesar de dirigir a reunião, tinha seu voto com o mesmo peso de todos os componentes, com a diferença da missão de decidir nos casos de empate ou impasse. O Estado não pagava aos que o geriam, pois a láurea de administrador ou integrante de sua cúpula era encarada como um privilégio, um gesto de confiança de toda a comunidade. As únicas despesas do Estado se reduziam ao pagamento do corpo fiscal, cujos funcionários exerciam sua atividade praticamente 24 horas por dia. Não havia cobrança de impostos, mas sim uma participação do governo-geral nos ganhos de produção, recebendo até mesmo mercadoria no lugar do aguanês, a moeda local, como era comum entre as pessoas, que costumavam trocar produtos em conformidade com suas necessidades, exercitando o escambo como meio de manter a economia saudável e também como forma de fortalecer a inter-relação entre as pessoas.

A reunião dos administradores era aguardada com expectativa, pois dela nasceriam os projetos para o decorrer de um ano inteiro. Havia uma preocupação generalizada com os centros de abrigo e escola, que eram grandes conjuntos com muitas crianças, filhos de pais separados legalmente, segundo a filosofia do direito de família que, orientado por visão machista, acreditava que o homem possuía, por instinto animal e biológico, a necessidade de trocar constantemente de parceiras sexuais. Todavia, não se podia negar o crescimento da insatisfação e da infelicidade das mulheres em consonância com o aumento da irresponsabilidade. Grande parte da sociedade já queria uma revisão da popularmente chamada “lei do passe-livre”, que nascera como fruto de mentes provenientes de uma civilização que se vira assolada pela desvalorização do núcleo familiar, aceita como fenômeno inarredável e inerente à modernidade, sem visualizar o prejuízo que a ausência do afeto gera na convivência em família, o que se lhes apresentava como fator exponencial para a elevação dos níveis de violência social. O Estado supria as necessidades materiais, mas nada podia fazer em relação ao empobrecimento espiritual, que era explícito, apesar de todo o esforço das mães de assistência, como eram denominadas as centenas de mulheres que prestavam serviço voluntário, mas de certa forma obrigatório, uma vez que muitas delas tinham seus filhos aos cuidados do Estado, pois que abandonadas pelos maridos carentes de excitações novas, tornando real (ou fingindo sê-lo) o adágio popular que garante que apetite sexual de cavalo velho só pode ser res-

suscitado com capim novo...

— Belchior. Oi, Belchior.

Era Maria da Paixão, sussurrando a gritos interiores o nome do pastor.

— Que foi Paixão Úmida? Está louca, não vê que estou vindo de banho de mar e tenho que me preparar para a missa de abertura de mais uma noite de trabalho? Já são cinco e meia da tarde.

— Eu sei pastor. Porém, não posso mais viver a angústia do amor não-revelado, nem vivido nem correspondido. Eu o amo.

— Paixão Úmida, eu também a amo. Mas sou um homem viúvo, cheio de afazeres religiosos e políticos. E, além de seu pai não fazer nenhum gosto, ainda tem o fato de você estar prometida exatamente a meu filho. Riomar não me perdoaria.

— Não sei o porquê de você pensar assim. Logo você, um incentivador do amor verdadeiro. A situação de seu filho é pior do que a sua, pois depende de uma gravidez da esposa, Luzfonte, para que uma criança inocente o libere, permitindo-lhe atender aos caprichos de meu pai e à sua obsessão por mim.

Belchior Água Benta, detentor do dom da palavra, se via, pela primeira vez, sem palavras. Em sua pele ainda escorriam pingos de água de mar, que se misturavam ao suor da excitação e caíam ao chão sob o batuque acelerado do coração. Não se conteve.

— Paixão Úmida, meu corpo celeste. Há muito sinto ar-

der em mim um desmedido amor por você. Um sol que incendei meu coração sem deixar queimaduras. Vejo em seus olhos cores e tintas embebidas em inebriante fogaréu que destila incensos e dá luz às coisas.

— Então, Belchior, por que nos negar a eternidade do momento. Estamos fazendo do amor uma prisão, quando na realidade ele é um sentimento benfazejo e libertador.

E assim se penetraram feito água na esponja e, alvadios como vapor na nuvem, se devassaram, decoraram curvas e dobras corporais, embevecidos pelos faróis do amor que, destemidamente, iam lhes abrindo clareiras entre os lençóis.

— Já passa da hora, Paixão Úmida. Corra para casa. E cuidado, amor...

Belchior Água Benta vestiu seu pálio dourado e tangeu o sino várias vezes. Mais que de costume. Mal terminaram as badaladas, avistou o bode do João da Paixão que, ao contrário do dono, gostava de igreja e não perdia uma missa. Belchior sorria sozinho: Lá vem o representante do meu sogro...

O bode religioso chegou e, como sempre, foi o primeiro a entrar e ocupar o seu costumeiro cantinho na primeira fila. Belchior o tratava bem, pois o comportamento do animal era tido pelos devotos como uma mensagem dos céus, contri-



buindo para a atração dos mais jovens, que iam à igreja para ver o bode e, depois, eram fisgados pela fé e pela oratória do pastor. O povo gostava tanto do bode do João da Paixão que até criaram um ditado em forma de trocadilho: mais vale um bode religioso na igreja do que um cabra ruim e falso recebendo comunhão.

— Não podemos erigir uma comunidade cristã sem que a alicerçamos sob os também sagrados mandamentos da igualdade e da irmandade ensinados por Jesus Cristo. Estou certo ou estou errado? — perguntava o pastor Belchior Água Benta.

— Está certo, extremado pastor! — respondia a multidão postada em frente ao altar.

— Os poucos livros e as muitas anotações deixadas por nossos antepassados não somente nos legaram nosso patrimônio cultural, mas solidificaram em nós a certeza de que não podemos aceitar a idéia dos que se aproveitam dos pobres material e intelectualmente, chegando a proclamar que existe um certo lirismo na miséria. Existe beleza na pobreza desmesurada, meus caros fiéis?

— Não, extremado pastor! — respondia o povo, novamente em coro.

— Pois é. Não podemos admitir que caíamos nos mesmos erros em que vivia a sociedade de onde vieram nossos fundadores. O crescimento econômico não pode ser construído de forma seletiva, abandonando ao longo do caminho um enorme contingente de miseráveis, vistos friamente como dejetos, peças descartáveis, pelos agentes e promotores do

progresso. E isso não se parece com preconceito? Não é o mesmo que exclusão e alijamento?

— É isso mesmo, pastor.

— Dessa forma não devemos deixar prosperar a filosofia que prega que o empobrecimento da sociedade é natural, que não há jeito de erguer um projeto econômico democrático. Essa premissa nos guia para o comportamento insensível diante do sofrimento do próximo, ao incutir-nos a crença de que, para que alguns vivam nababescamente, é necessário manter um punhado de pessoas em desenfreada penúria e, hipocritamente, sob determinado controle, através de medidas paliativas: uma cesta básica, uma dentadura. Não estaríamos com isso criando o conformismo e desrespeitando o Deus justo em que cremos?

— Certamente, sábio pastor.

— Ao saírem daqui hoje para o trabalho e a aprovação de novas metas para o ano que vem, lembrem-se de que, da mesma forma que Deus nos concedera a dádiva do livre-arbítrio, a nossa padroeira, Virgem Santa sem Cabeça, ou sou ceder-nos o seu corpo, a sua energia e a sua força em troca de que cada um de nós seja a sua cabeça, pense por ela. Assim sendo, é necessário que nos livremos de todo o preconceito e toda a ira que nos empana a visão. Na prática do amor, os homens não têm cor de pele. À imagem e semelhança de Deus, são tão-somente tochas de luz, candeeiros que ardem lentamente a fim de melhor aproveitar e sugar o oleoso néctar da vida, que existe fartamente na Natureza, mas depende da bateia de nosso coração, que pode mantê-

lo puro ou impregná-lo com os sais da maldade e impurezas. Sejam luz um diante do outro e, mais que isso, exercitemos a nossa cidadania denunciando os indiferentes e amantes da escuridão em prejuízo da coletividade. Oremos à nossa padroeira:

— Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça...

Terminada a oração todos aplaudiram. A multidão saiu seguida pelo bode do ateu João da Paixão que, mais uma vez, fora o primeiro a chegar e o último a sair, sob o repicar dos sinos. O pastor Belchior, em pé defronte à porta da igreja, tanto se deliciava quanto aprendia com a paisagem surrealista.

CAPÍTULO IV

ESPERMOGRAMA



*O boletim meteorológico do homem
Exame fisiológico que lhe mede o dom de chover
Sua capacidade sexual aquosa
De umedecer a rosa do ventre feminino
Despertando-lhe o viço da grama interior
É um termômetro de amor chamado espermograma*

Carlos Lúcio Gontijo

Riomar já cumpria sua pena em Saneamento há alguns dias. E o pastor Belchior resolveu ir visitá-lo. Percorreu, antes de partir, os centros de abrigo e escola, com os quais tinha o maior zelo, pois mais do que alimentação e ensino, eles exerciam a dura missão de dar às crianças e adolescentes o calor e o afeto de um verdadeiro lar.

Assim é que, depois de passar a noite na grande creche, como o povo chamava os conjuntos de abrigo e escola, quando o dia raiava e todos foram dormir, Belchior Água Benta rumou-se para Saneamento, em sua velha canoa, munido apenas de uma sacola de carne-seca para tira-gosto e sua inseparável garrafa de aguardente. Vez por outra, sob o sol a pino, ele gritava, só para não perder o costume:

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Atravessou as fronteiras de Salobra. De longe avistou o “monstro silencioso”, ainda crescendo em meio à neve que desprendia da íngreme montanha e guardando as terras e os interesses dos arredios “nobres” do pequeno povoado, onde o pastoreio era feito por Aluvião Aguadio, um jovem pastor inteiramente voltado para as coisas de Deus e que não discutia política nem a incluía em seus sermões, mas realizava feitos grandiosos, confrontando o poder do ines-

crupuloso Capitão Chuvisco ao montar centros de abrigo e escola na cidade. Belchior, remando sem parar, divagou sozinho: É o seu jeito de ser. Não discute, mas faz...

Às 20 horas, chegava em Saneamento, com a cidade em pleno rebuliço, acusando sua presença com o grito de guerra:

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

Querido pela rejeitada população, mal encostou sua canoa já havia uma multidão à sua volta e, no meio dela, o filho Riomar, que logo o abraçou.

— A bênção, pai.
Mas que surpresa.
Como andam as coisas em Sudenta?

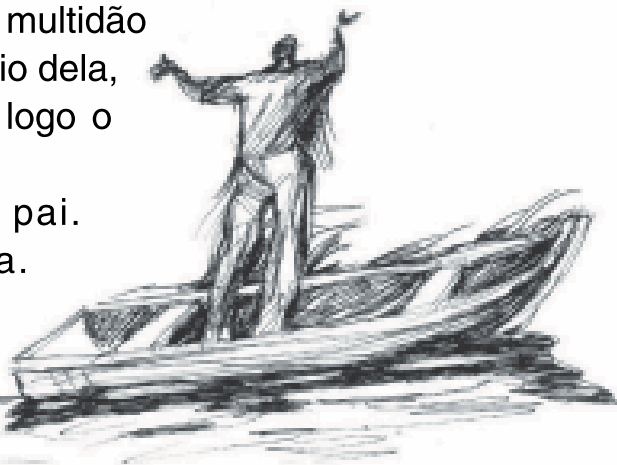
— T u d o bem, filho. Mas, ontem, eu encontrei João da Paixão bastante preocupado.

— Com o quê?

— É que seu filho Mariano estava sumido há dois dias.

— Ah, pai. Isso não é nada. O Mariano deve estar amoiado na casa de alguma mulher. Ele é um boêmio e um mulherengo inveterado.

— Eu sei, Riomar. Já cansei de vê-lo em minhas andanças diárias. Na maioria das vezes bêbado feito gambá.



— Olha quem fala!

— Pera aí. Eu bebo, mas não inebrio.

— Já sei, nem precisa completar. Ouço isso desde criança: o senhor bebe com os anjos e os santos.

— É isso aí, não sou egoísta!

E riram de chamar a atenção dos que passavam à sua volta. De repente já estavam à porta da casa de hospedagem, lugar reservado a visitantes e autoridades, mantido pelo governo-geral.

— Vamos entrando, pai. Estou no quarto número sete.

— Eta superstição, filho.

— É isso, sete na cabeça.

Entreolharam-se. Silêncio por alguns minutos... E Belchior Água Benta retomou a conversa.

— Mas filho, como vai sua vida com Luzfonte?

— Minha mulher é ruim de parir. Não engravida de jeito nenhum. Com tanta mulher dando sopa e eu tenho que me casar logo com uma ingravidável.

— Bobagem, filho. Eu reparei que ela anda meio gordinha.

— Não é gravidez, não. Ela está gorda é de tanto encher o bucho com os remédios e porções mágicas da curandeira Correnteza das Ervas, que virou sua amiga e confidente.

— Filho, você está obcecado e jogando a culpa de todos os seus dissabores em Luzfonte, que tanto o ama.

— Ah, pai, a mulher não engravida!

— Mas até isso pode não ser problema dela. Você sabe

muito bem que a esterilidade e a infertilidade atingem os homens também. Ainda ontem peguei um livro dos cientistas que encontraram o buraco perdido em que vivemos e descobri que eles tinham meios técnicos de medir a fertilidade masculina através de um exame chamado espermograma.

— Agora mais essa. O senhor quer dizer que minha “porra” não presta.

— Não é isso, filho. Eu quero é somente alertá-lo. Você está jogando uma carga de problemas draconianos sobre os ombros de sua mulher. É preciso tirar essa viseira, olhar todos os ângulos da questão.

— Então, agora, eu não passo de um burro, com viseira e tudo.

— Filho, filho. Não é isso. Sua intenção de abandonar Luzfonte é tão explícita que, talvez, você esteja criando nela uma barreira psicológica.

— Como assim?

— Olha, Luzfonte o ama e sabe que, ao dar-lhe um filho, você a deixará imediatamente, posando de macho e com o dever cumprido perante a sociedade.

— Mas pai!

— Que mas coisa nenhuma. Vamos deixar isso pra lá. Coisas do coração, política e religião a gente só prega, discursa, mas não discute.

— Com o perdão da má palavra, pai Belchior, opinião é como bunda.

— Como assim?

— Cada um com a sua!

Riram como crianças após a arte feita...

O zunzum do sumiço de Mariano da Paixão já dominava as conversas de rua. Saneamento, como sempre, seria tomada e vasculhada pela polícia do governo-geral, pois não raro os facínoras que ali se achavam, ousavam perpetrar seus crimes, principalmente no tocante ao tráfico ilegal de água potável, o precioso e vital ouro líquido para os que habitavam a região seca, árida e inóspita.

Malsaídos da hospedaria, avistaram Florano Orvalho, o eunuco do João da Paixão, montado em seu jegue de sela cor-de-rosa, combinando com lenço de igual matiz envolto no pescoço.

Correram até ele.

— Que faz aqui, Florano?

— Venho especialmente para auxiliar na busca de informações sobre o sumiço de Mariano da Paixão. O João está desesperado.

— Mas não é pra ficar puxando cabelos. O Mariano é mesmo sem eira nem beira. Está metido em uma cafua qualquer. Gozando uma tesão passageira — avaliou Ri-omar.

— Pode até ser. Porém João está me pondo louco. Se não saio a procurar, ele começa a gritar que eu não me interesso, não estou dando a mínima para a sua aflição. E o certo é que, pelo sim, pelo não, o negócio é prevenir, pois a violência anda num crescimento sem precedentes. Até parece que estamos alcançando, sem sairmos do lugar, o estágio de convivência social em que se encontrava a civiliza-

ção em que nasceram os nossos descobridores.

Nervoso, interveio Belchior Água Benta.

— Basta, Florano. Não precisa exagerar nem rogar pra-
ga, pois de alguma forma ainda temos a situação sob con-
trole, além de não termos a desigualdade e o consumismo
como metas. Nossos fundadores conheceram um mundo
onde uma meia dúzia de pessoas podia comer dois bifés
porque a grande maioria não comia bife algum.

— Isso mesmo, pai. A erva daninha da violência que
conhecemos não é fruto da indiferença de nossas elites nem
de pobreza incomensurável. Nossas cadeias não têm gra-
des. Os que erram vivem livres num centro de recuperação,
que é Saneamento, uma cidade na qual podem andar pelas
ruas.

— Filho, é isso mesmo. O pastor Aluvião Aguadio, meu
representante em Salobra, cumpriu pena aqui por ter dado
uma espetada no padraço com o cinzel.

— Dessa eu não sabia! – interrompeu Florano.

— Pois é. Aluvião esculpia num barracão quando ouviu
os gritos de sua mãe, que levava uma despropositada surra
do marido brutamontes. E daí...

— Então, vamos ao trabalho de detetive. Cada um para
um canto e, em caso de obtenção de qualquer informação, é
só deixar um bilhete ou me esperar na hospedaria.

Disse Riomar, bastante enturmado com a população de
Saneamento, não só por trabalhar como fiscal público, como
também por já ter cumprido 15 dias de seu “recolhimento”.

CAPÍTULO V

HEMATOMAS



*Senti-la estrela-pele em postas
Tê-la luzidia arranhando-me as costas
Era tudo o que eu mais queria
Aquela vida em libido boa
No lugar dessa calma de lagoa
Dessa escadaria sem passos
Em que a paixão sentido não toma
Perdida nos hematomas da falta de abraços*

Enquanto o marido cumpria recolhimento em Saneamento e se envolvia nas investigações sobre o sumiço de Mariano da Paixão Úmida, Luzfonte se descobria grávida de dois meses e tramava fazer um aborto a fim de não perder o marido. Perdida em angústias, resolveu ir até a casa da raizera Correnteza das Ervas a fim de desabafar e expor-lhe seus planos.

— Correnteza, estou grávida.

— Calma, Luzfonte. Por que tanto desespero?

— Não há como encarar com normalidade uma gravidez como a minha, em que o preço a ser pago é a separação de meu marido. Não acho normal que o meu filho seja predestinado a não ter um lar. A ser filho do Estado, condenado a passar seus dias nos centros de abrigo e escola.

— Mas, Luzfonte, essa é a lei.

— Pode até ser, porém está errada. Os que a elaboraram, sob a orientação do sociólogo Felizberto Honoris Carcará, vinham de uma sociedade em que os valores de família haviam sido menosprezados. No tempo deles aconteceu o aniquilamento dos lares pela ausência de culto ao patrimônio moral, acompanhado da perda do sentimento de nação, a outra grande casa, a morada de todos.

— Como assim, Luzfonte?

— Ah, Correnteza das Ervas, os intelectuais que aqui aportaram contam em seus escritos que no seu tempo foi introduzida uma tal de globalização. Um mundo aparentemente sem fronteiras, pelo menos até o momento em que os pequenos, que sucumbiam diante do projeto, não incomodassem os interesses das nações hegemônicas, que tudo queriam e tudo podiam.

— O que isso tem a ver com o nascimento de seu filho?

— Tem muito. Pois tudo iniciou quando, atrás desses montes que nos isolam, as crianças começaram a ficar mais tempo nas creches que com seus pais, que passaram a substituir sua presença por um monte de presentes, colocando bem material onde deveriam ser semeados afetos e calor humano. Ou seja, onde havia necessidade de seio e abraço injetaram doses maciças de sanduíches e entretenimento eletrônico.

— Eletrônico?

— Máquinas, Correnteza. Por isso, o pastor me disse outro dia que os nossos descobridores haviam deixado para trás crianças obesas e jovens vazios.

— Ainda não vejo o que isso tudo tem a ver com seu filho.

— Você é abobada ou está brincando comigo. Se eu e a maioria das mulheres dessa terra acabamos perdendo nossos maridos é porque nossos fundadores já não tinham esperança na família.

— Ah, Luzfonte, eles foram levados a isso!

— Pelo amor de Deus, o que houve foi a supremacia e

a valorização do sexo e do instinto de preservação da espécie. E, ainda pior, dizem que a idéia foi sábia e generosa, pois, assim, todas as mulheres que sobreviveram ao fatídico acidente puderam experimentar a beleza de ser mãe. Absurdo. Isso é como fazer valer a filosofia de que é melhor reinar no inferno do que servir no paraíso.

— Agora começo a entender.

— Ainda bem, pois lhe garanto que a insatisfação das mulheres continua crescendo em perfeita consonância com o aumento da violência entre nós, mesmo com nossa Terra do Sol Eneblinado contando com uma pequena população. Todavia era para desaguar mesmo nessa calamidade, pois se a sociedade de nossos antepassados se tornou violenta pela desvalorização dos valores de família, a nossa só fez agravar o problema, pois a esboroou de vez.

— Tanto você está certa, que já andam falando que o Mariano da Paixão foi seqüestrado. Imagine só!

— Pois é, lar é sinônimo de amor. Por mais humilde que seja o teto em que vivemos, ele detém toda a carga de energia espiritual de que necessitamos para exercer nosso papel de cidadão e de irmão. O chão das casas são lençóis do amor em que os casais semeiam os filhos.

— Você tem razão, minha menina. Hoje em dia os amores não têm tempo de se enraizarem. A triste realidade é que a beleza do amor só é efetivamente revelada quando ultrapassa as fronteiras dos olhos e vai habitar as profundezas do coração.

— Então, amiga Correnteza, como conhecer o amor ver-

dadeiro se vivemos sob a égide de uma lei que o mata antes mesmo de começar. Tirar o filho que trago no ventre não é um mal maior do que os dissabores provocados por uma lei que nos afronta, nos fere e terminará por nos destruir.

— Quando você pensa em tirar a criança?
— entrecortou Correnteza, com a retina mergulhada em lágrimas.

— Assim que for possível.

— Não demore. Você já está meio redondinha.

— Eu sei. Mas o Rio-mar já perdeu as esperanças de que eu me engravidasse. Outro dia até me xingou, com resquícios de ira contra você.

— Como?

— Não é nada, não.

Ele disse que os chás que você me receita estão me engordando e deixando velha.

De repente, alguém bate à porta e Correnteza das Ervas vai atender...

— Oi, Lulu Lago, é você!

— Sim, sou eu.

— A que devo a visita?

— Tô vindo em nome dos centros de abrigo e escola. Estamos com um problema danado por lá.



— O que foi, Lulu? Seja lá o que for não é remédio, pois em matéria de ervas você é tão entendido quanto eu.

— É que a mulher do Jacinto Gota, que todos chamam de dona Gotinha, se suicidou dois dias após o parto.

— Não é possível! Oh, minha Virgem Santa sem Cabeça!

— A culpa é do passe-livre, pois nem bem nasceu o rebento e o Jacinto Gota anunciou que se casaria com uma moça lá de Saneamento.

— E logo uma prisioneira?

— Pode-se dizer ex-detenta. Já cumpriu a sua pena e pode sair a hora que bem quiser daquele povoado.

Aborrecida, Luzfonte entrou na conversa aos prantos.

— O que lhe dizia eu, Correnteza. Estamos perdidos. Pobre dessa moça ex-presidiária. Agora é que ela vai saber o que é pena de verdade.

Lulu Lago, mais conhecido por sua opção sexual do que por sua atividade “medicamentosa”, ficou todo enrubescido, como quem acabasse de dar uma tremenda mancada, e, jeitosamente, indagou:

— Que é isso, o que eu fiz, Luzfonte?

— Não fez nada não, Lulu. É a vida, é a vida.

CAPÍTULO VI

JEITO



*Divido o meu terreiro
Sou feliz abrindo os braços
Abrigando amigos e amores
E se dores batem-me no peito
Enxugo o pranto
Invento um canto afeito
Faço de tudo pelo direito de reflorir
Pois certo ou errado
Entre penitências e pecados
Este é o meu jeito de existir!*

Carlos Lúcio Gontijo

Riomar realizava um trabalho ininterrupto e incessante, auxiliado pelo pai que, na condição de guia religioso, a todos conhecia, como o pastor as ovelhas. Indagava daqui e dali, reconhecendo os suspeitos pelo jeito de responderem, ainda que negassem saber de alguma coisa. E foi assim que à noite, após perambular o dia inteiro pelas zonas boêmias, estavam cheios de possibilidades e indícios a serem seguidos. Riomar e Belchior trocavam informações enquanto Florano Orvalho os ouvia diligente e silenciosamente.

— É isso aí, gente. Vamos seguir os irmãos Zé e Cecéu Poço.

— Mas por que eles, Florano?

— Pelo que você disse, pastor. Por que será que o Cecéu foi chamado de longe pelo Zé, exatamente quando o senhor o interroga? Um chamou de longe e outro se apressou em cair fora.

Como eram três, eles propuseram se revezar na vigília, com a finalidade de não levantarem suspeitas nos irmãos, dois malandros matreiros, constantemente reincidentes tanto no tráfico de ervas alucinógenas quanto na venda ilegal de água potável. E, após dois dias de observação, os detetives amadores viram seus esforços recompensados. Florano Orvalho corre até a hospedaria.

— Vamos, gente. Tração nas canelas, pastor. Os dois estão se rumando para o lado das pedras.

— Parabéns, Florano. É atitude suspeita; ninguém vai por aquelas bandas. É só pedra, é o fim do território de Terra do Sol Eneblinado, onde são muitas as cobras e os jacarés de água salgada são enormes, ferozes, avançando em tudo que se mexe.

Belchior, antes de apressar o passo, tomou uma talagada de pinga sob o sol de meio-dia e bradou:

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

— Vamos, pai, chega de gritos. Que a Virgem Santa sem Cabeça nos ajude.

Não demoraram a avistar os dois irmãos cambaleando pelo caminho, transformado em trilha sinuosa por suas mentes carregadas de maconha e álcool.

— Devagar, Riomar. Eles não podem nos ver.

— Bobagem, pai. Do jeito que estão, eles nem sabem o que fazem.

Não demorou e os viram atirando uma sacola dentro de um buraco, que logo imaginaram ser comida e água para o seqüestrado. Ficaram escondidos até que os irmãos Poço se afastassem, conversando alto sobre seus planos:

— Zé, agora nós não viremos mais. Vamos deixar ele morrer, já temos o que queremos...

Os três detetives amadores resolveram não dar voz de prisão aos malfeitores, pois estes estavam armados de facas e sabres afiados que reluziam ao sol.

— Mariano, Mariano, você está bem?

O pobre coitado balbuciou um sim, mais parecido com um gemido.

— Aqui é o pastor Belchior, vou atirar-lhe uma corda...

Após esperarem por alguns minutos, viram que Mariano não conseguiria subir sozinho.

— Desça até lá, Riomar, amarre-o bem e eu e o Florano o puxamos.

— Pode puxar, pessoal.

— Lá vai, Riomar. Ajude-nos erguendo-o até onde os seus braços agüentarem.

— Cuidado, pai. Ele está muito machucado.

Quando tiraram Mariano de dentro do buraco estavam extenuados, mas não podiam parar pois tinham que cuidar imediatamente de seus ferimentos, e ainda um deles deveria voltar à cidade para providenciar uma canoa grande, para levar a vítima pelo mar lindeiro a todo o território da região.

— Vá rápido, Florano. Você é o mais ligeiro e o de melhor condição física dentre nós três, pois afinal você, diariamente, apascenta as cabras e ovelhas do João da Paixão. Anda feito maluco...

— É isso mesmo, pastor. Já tô indo.

E foi. Sumiu de suas vistas feito um raio. Não tardou avistarem duas canoas rasgando as águas...

— Depressa, companheiros. Temos que mandar avisar em Sedenta.

— Não se preocupe, não, Riomar. Já partiu um canoieiro levando a notícia.

— Muito bem. Parabéns pela iniciativa, Florano.

Todos se perderam e cederam aos encantos da alegria de um final feliz, contudo Belchior Água Benta e Riomar saíam do caso bastante desconfiados e cheios de perguntas sem respostas. Dizia Mariano da Paixão que eles só lhe levaram dinheiro, mas desde quando se seqüestra e tortura apenas para roubar? Como ninguém se interessou na apuração dos porquês, deram-se por satisfeitos só de encontrar o seqüestrado e identificar os seus raptos, que perderam o direito de andar livremente pelas ruas de Saneamento e ficaram em “campo de isolamento” por tempo indeterminado e dependente do próprio comportamento.

Feliz da vida, João da Paixão Úmida mandou chamar Belchior Água Benta à sua casa.

— Vamos entrando, amigo pastor. Antes de qualquer agradecimento, quero que mande avisar seu filho Riomar que seu recolhimento em Saneamento está suspenso. E que ele está completamente perdoado. Já joguei uma pá de cal sobre nossa desavença. Não sou homem de carregar indefinidamente mágoa em meu peito. Ressentimento guardado no coração nos corta e nos faz muito mal.

Florano Orvalho, que perambulava pela sala, resmungou:

— Onde já se viu governador perdoar a quem joga seu nome na lama.

— Não se intrometa, Florano. Você não tem nada com isso. E não compreende minha gratidão, inclusive a você, pelo que fizeram pelo meu filho.

— Tá bem, não está mais aqui quem falou.

— Pastor, vou dar uma festa em comemoração à volta de meu filho, resgatado graças à Virgem Santa sem Cabeça que, mais uma vez, emprestou sua energia e força a seus súditos bem-intencionados, que agiram por ela. Pode avisar ao povo em sua palestra aos fiéis amanhã. Quero todos, no final de semana, comparecendo à festa que darei na Praça das Comemorações Públicas, pois recuperar, receber de volta as pessoas e coisas que amamos é o mesmo que renascer.

— Está dado o recado, João. Comunicarei a meu filho sobre o fim de seu recolhimento e avisarei aos fiéis sobre a festa.

O pastor nem bem deixou a casa de João da Paixão e já cuidou de mandar um emissário a Saneamento a fim de dar a boa notícia ao filho. Em seguida se entregou às ruas e aos afazeres de pastor, visitando doentes, con-



versando com os cidadãos e dando aula de religião nos centros de abrigo e escola, cada vez mais carregados de crianças de pais descasados. Cumprida sua missão, foi desafogar as desilusões e preocupações em sua boemia, em que festejava o dia como os países dos fundadores e descobri-

dores de Terra do Sol Eneblinado reverenciavam a noite. Ria sozinho ao imaginar como eles achariam estranho e surrealista um lugar onde existia dama-do-dia e não da noite. Como lhes pareceria inaudita aquela boemia e aqueles amores profanos exercitados não sob a luz do abajur, mas às claras, em plena luz do dia. Rezou à “virgem acéfala” para que Maria da Paixão fosse ao seu encontro. E não deu outra, mal começou a amanhecer, quando todos se recolhiam ao leito e ele nem havia dado o seu grito de guerra, eis que Maria da Paixão surge à sua frente como anjo caído do céu, meteoricamente eterna, ardente, envolvente, dialogando silêncios. Amaram-se e, quando ela se foi, Belchior ficou a olhá-la languidamente até que ela virasse a última esquina e ele visse as pontas de seus cabelos negros refletindo os raios do sol da manhã e sumindo na distância feito calda de cometa.

Não demorou muito e Belchior Água Benta já estava diante de seus fiéis cultuando Deus e a Virgem Santa sem Cabeça, na esperança de que recebesse luz e energia para prosseguir sua missão e conseguisse a construção de um ser humano mais discernido e consciente através de seus sermões e palestras.

— Fiéis, nosso irmão Mariano da Paixão Úmida caiu prisioneiro de malfeitores infelizes, que torturam suas almas em vida. Entretanto, não devemos chorar as ciladas e as peças que o destino, sob a ação dos homens, nos prega. Ao final, quando olhamos para trás, acabamos deduzindo que todo o mal e todos os maus-tratos contra nós perpetrados

não passaram de simples podas que, como acontece com as árvores, nos tornaram mais fortes. Santo Agostinho afirmava que a verdade habita no foro interno do homem. Ou seja, toda verdade se descortina à nossa frente à medida que nos conhecemos. Todos nós sabemos, pelo próprio testemunho, que temos consciência, que vivemos e compreendemos. Feliz ou infelizmente, as coisas verdadeiras se parecem com as que são falsas, e a ilusão das paixões faz com que tomemos umas pelas outras. Porém, são o esforço e a busca do discernimento, dentro do grande leque de oportunidades e situações que a vida nos oferece, os fatores que nos diferenciam, que moldam nossa impressão digital e o nosso jeito intrínseco e pessoal de ser. Então, irmãos, o nosso recado de hoje é “conheça a si mesmo antes de julgar ou prejudicar o próximo”.

CAPÍTULO VII

PEQUENO INFINITO



*O amor é uma coisa boa
Se preso arrasta correntes
Se livre é pluma que voa
Apassarando o coração da gente
Aninha-se na pele feito ferro quente
Pura emoção graças a Deus desgovernada
É sempre tudo mesmo não sendo nada
Não é infinito pelo tempo que dura
Mas eterno pela marca que no peito perdura!*

Dia de festa. João da Paixão redescobrira o amor paternal. Poucos dias de sumiço do Mariano e ele o recebia com a emoção de quem assiste ao retorno do filho pródigo. Estava tão tomado pelas brasas do contentamento que logo pediu silêncio e se pôs a discursar, coisa rara nele, mesmo no cargo de governador-geral.

— Meus amigos, o seqüestro de meu filho ensinou a mim e a vocês o valor de um filho e quanto estamos presos ao eixo da família. Aprendemos também, ou melhor, fomos alertados em relação à violência que campeia entre nós, seguindo o mesmo compasso em que se dão as separações e aumenta o número de menores mantidos exclusivamente a expensas do poder público. Por mim a lei do passe-livre já teria sido extinta, mas todo o nosso passado nos ensinou que as leis são fruto do costume e do desejo da sociedade, qualquer legislação fecundada fora das ansiedades populares acaba ressoando como imposição ou gesto inspirado em pendores ditatoriais. Todavia, espero que a sociedade acorde para a perda da ilusão de eternidade de que se devem revestir os amores e as paixões. Algum dia, todos nós dese-

jaremos recuperar esse aspecto lúdico que permeia a realidade dos que se amam. Claro que as separações e o fim das relações continuarão a ocorrer, mas, pelo menos, não estaremos, de certa forma, estabelecendo prazo de validade legal para as uniões matrimoniais. A bem da verdade, se avançamos na compreensão da política social e democracia econômica, recuamos anos a fio na visão do amor entre homem e mulher. Contamos hoje com centenas de cidadãos descrentes no relacionamento amoroso. Os homens não buscam nem crêem no erotismo dentro do casamento e vão à procura de nova esposa como se vai ao encontro da amante – a outra. Ao passo que as mulheres só recebem como lição de amor o abandono, a indelicadeza de arrancar-lhes, pétala por pétala, a flor do coração.

— Viva o governador! — ovacionaram as mulheres.

João aproveitou para beber uma água de coco. E continuar, após ouvir o cochicho do pastor Belchior Água Benta:

— Parabéns pelo discurso. Mais que político, é um alerta à sociedade.

— Finalizando nossa fala, abraço o meu filho e lhes afirmo, com toda a convicção, que andança sem amor é solidão.

O discurso foi muito aplaudido e o pessoal entrou de colher e copo na festa que durou por toda a noite sob a iluminação de uma lua cheia, tão próxima que os enlevados pela paixão talvez a pudessem tocar, ou mesmo senti-la nos olhos e na pele do ser amado. Tudo e todo o clima eram propícios a flertes e revelações contidas. E Maria da Paixão Úmida não fugia à regra...

— Belchior, preciso ter uma palavrinha com você.

— Pode falar, Maria.

— Não, aqui não.

— Então me aguarde na rua dos centros de abrigo e escola. Daqui a pouquinho eu me dirijo para lá.

A confusão era tanta que até o pastor podia sair sem ser notado. Bebida e comida por todos os lados. E, para inteirar, Floriano Orvalho deu de apresentar à multidão um bodinho, nascido do cruzamento de sua cabra de estimação com o velho bode freqüentador de missas.

— Gente, a partir de amanhã, esse bodinho acompanhará o pai até a igreja. A tradição será mantida, o velho bode já tem o seu seguidor, o seu herdeiro de fé...

E o bode virou atração, com o insólito aparecimento dando oportunidade à descontração.



Brincadeiras e piadas corriam soltas pela praça. Numa roda de amigos Mariano da Paixão Úmida falava sobre seus dias de seqüestrado. E num dado momento fez questão de relembrar a origem de seus algozes.

— Os irmãos Poço, Zé e Cecéu, são gêmeos. Sua mãe foi abandonada pelo pai assim que nasceram. Passaram a infância e adolescência sob os cuidados da grande creche.

— É verdade. Isso até vai ao encontro da fala de seu pai — interveio um dos integrantes da roda.

— Pois é. Não sei se vocês recordam, mas existe uma piada, sobre eles, tida como fato verídico por muitos.

— Então vamos lá. Conte-nos.

— Dizem que de tanto serem rotulados de feios, os dois irmãos saíram um dia das fronteiras de Sedenta e foram chorar suas mágoas num banco de praça em Salobra, onde ninguém os conhecia. Quando estavam lá numa choradeira incontida, eis que se lhes aproxima um velho senhor:

— Meus filhos, por que tanta choradeira? Vocês são jovens demais para se deixarem cair em tamanha tristeza.

— Caro senhor, nosso desdouro é que todos dizem que somos as pessoas mais feias que conhecem. Não conseguimos nem arrumar namoradas.

— Meus jovens, não fiquem assim. Se o negócio é feiúra e fealdade, saibam que, segundo todos afirmam, as pessoas mais feias de que se tem notícia em Terra do Sol Eneblinado moram em Sedenta. São uma dupla chamada Zé e Cecéu...

E o riso foi geral.

Já distantes do vozerio e da presença da multidão, Belchior e Maria da Paixão conversavam à luz do luar, sob a copa de uma imensa árvore.

— Belchior, vou direto ao assunto. Estou grávida.

— Maria, Maria, há quanto tempo?

— Há uns três, quatro meses.

— Minha Virgem Santa sem Cabeça, o problema não é exatamente a sua gravidez, mas as injunções. Tem muita gente querida envolvida. Nossos familiares e principalmente meu filho Riomar, a quem seu pai prometeu dá-la em casamento.

— Não vamos precipitar nada. Vamos agir como se nada houvesse ocorrido. Precisamos aguardar o momento certo e, quem sabe, um fato novo nos facilite a revelação. Creiamos na divina providência de nossa Virgem.

Maria da Paixão pôs-se a chorar.

— Que é isso, Maria? — protestou Belchior. Não temos por que chorar. Regozijemos pela importância que Deus dá à nossa humilde existência ao nos predestinar com o nascimento de um filho, revestido com o espírito e o sopro do Senhor dos Tempos sobre a carne, como chuva a regar óvulos e espermas.

— Você tem razão, querido.

— E tenho mesmo. Ao contrário da igreja de nossos antepassados, tenho procurado proclamar não o Deus do castigo, mas o do perdão. Acredito num Deus natural a ponto de conjecturar que, se é verdadeira a imaginação de que Deus seja um Ser que se alimenta de claridade e energia,

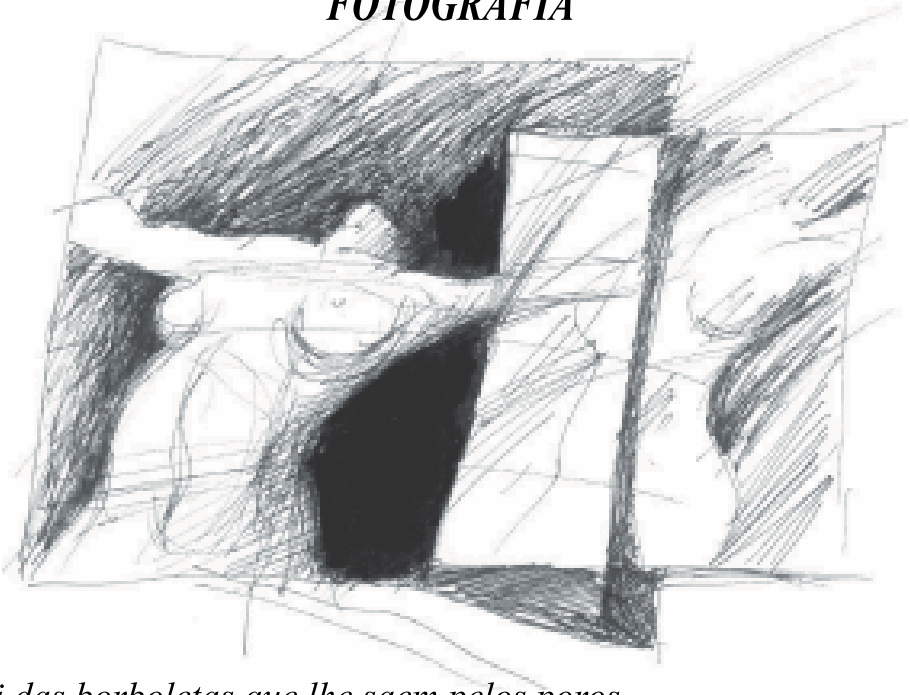
talvez o céu sobre nossas cabeças não passe de armadilha de pegar estrelas...

— Pode ser, amor. E se assim é, quem sabe a carne seja apenas a pauta de nossos espíritos, onde devemos grafar nossos afetos e paixões.

— É isso mesmo, Maria. Se Deus usa o céu para prender estrelas, cabe-nos usar o nosso coração para registrar e guardar nossos amores. Ser pai e ser mãe é viver a felicidade de mar ao receber as águas de rio.

CAPÍTULO VIII

FOTOGRAFIA



*Sei das borboletas que lhe saem pelos poros
Atravesso travesso as roletas do seu amor
Faço-me do avesso mais avesso
Abro as escotilhas do seu corpo
Ponho-me a fotografar suas ilhas úmidas
Num afagar de interiores entregues ao sonho
Realidade digital em porcelana quebradiça
E você se espreguiça nua em meus braços
Enquanto recolho traços da vida em negativo*

Belchior e Maria da Paixão retornam à festa, onde imperavam a confraternização e a alegria.

— Pai, ô pai! — gritou Riomar.

— Que foi, filho?

— A turma quer saber se o senhor vai reservar mais um espaço na primeira fila para o bodinho.

— Claro, lógico. Pastor que é pastor não escolhe ovelha, ainda que, no caso, se trate de um bode. E, além do mais, é bom saber que posso ir tranquilo para a igreja todas as manhãs, pois posso contar com pelo menos dois discípulos certos...

Todos riram. E logo Riomar saiu para um lado e seu pai em outra direção. Um para conversar com os seus fiéis e o outro para exercitar seu hábito de fiscalizar o tempo todo. E foi assim que Riomar foi dar de cara com Lulu Lago, já um tanto alterado pelo excesso de bebida.

— Como vai, Lulu?

— Mais ou menos. Raizeiro sofre muito. Convive com muitos problemas de doença e às vezes vira até psicólogo da clientela, que costuma ter mais ferida na alma e na consciência do que na carne, no corpo.

— Nisso você tem razão, Lulu, quando a alma sofre o corpo padece. Mas, e as novidades?

— Tudo igual, porém eu ando atormentado para lhe falar. E acho que hoje o álcool está me dando a coragem que andava me faltando.

— Meu Deus, o que será?

— Em primeiro lugar, não me leve a mal nem me julgue um futriqueiro, mas um amigo que lhe pede que olvide o seu nome quando for tirar satisfações sobre o que vou lhe contar.

— Puta que..., por favor, deixe de lengalenga.

— Sua mulher está grávida.

— Deixe de conversa, ela está é empanturrada de enzimas florais, chá de raízes de todo o tipo...

— Não, Riomar. Outro dia, Correnteza das Ervas me confidenciou tudo. Está desesperada com o que terá de fazer, atendendo a pedido de Luzfonte.

— Mas que pedido é esse? De que se trata?

— Olha, sintetizando o drama, sua mulher quer abortar a criança.

— Por que, meu Deus?

— Não se finja de tonto, Riomar. Você não ouviu o discurso do João da Paixão? Ponha-se no lugar dela. Uma mulher jovem, extremamente bela e com um marido esperando que ela engravide para poder cair nos braços de outra, que sequer o ama...

— Obrigado, Lulu. E, pelo amor da Virgem Santa sem Cabeça, não conte nada a ninguém. Nem mesmo a meu pai.

— Não se amofine, não. Se continuo como raizeiro a tanto tempo, fazendo visita em casa por casa, é porque exerço minha função com a fleuma de sacerdote. Vejo e não olho, escuto e não ouço...

Riomar entrou em parafuso. Pensamentos fervilhavam em sua cabeça, em que o discurso de João da Paixão e as opiniões de seu pai (também contrárias à lei do passe-livre) martelavam e transfixavam seu coração com uma cobrança moral a princípio, mas também com laivos de um amor que ele insistia em diluir no líquido do modismo social, em que macho de verdade era aquele que usava de seu direito de abandonar a mulher e filhos, e partir para uma aventura qualquer.

Lembrou dos Solilóquios, conversações de Santo Agostinho consigo mesmo para conhecer Deus e alma, que ouvia seu pai ler em voz alta todos os dias. Recordou em especial uma parte em que o filósofo da igreja dos antepassados dizia: “Tudo quanto existe é bom. Mesmo a morte é boa, porque tem por causa a existência. O universo, essencialmente perfeito, deve compreender toda a espécie de coisas e, desde logo, também criaturas inferiores e corruptíveis”.

— Que é isso, filho? Viu canarinho verde, foi tragado por alguma estrela feiticeira?

— Não, pai. Estava apenas absorto, pensando na beleza do livre-arbítrio, dos muitos caminhos à nossa disposição.

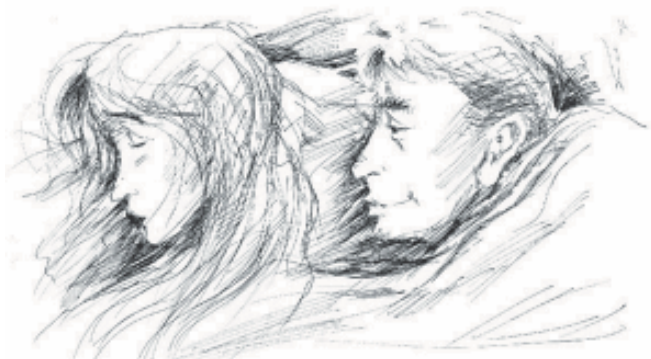
— É, Riomar, são muitas as possibilidades. E todas elas dependentes de nosso passo. Contudo, em todas as nossas decisões, seja lá quais forem, Deus e a nossa Virgem Santa sem Cabeça nos derramam a sua força e a sua energia, até mesmo para que descubramos os equívocos e retomemos o bom caminho.

— Concordo, pai. Aprendi com o senhor que a vida é um caminho de expiação pelo qual o homem avança atra-

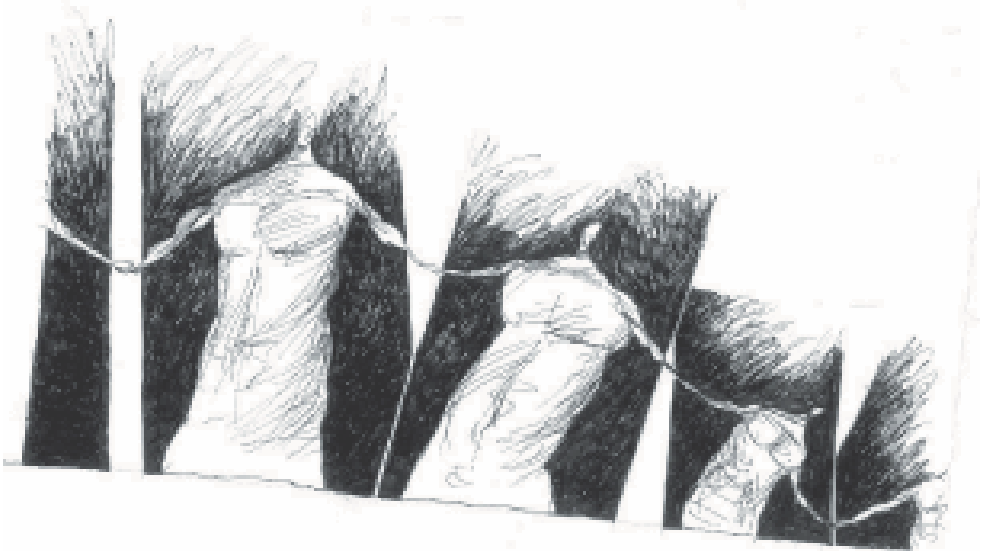
vés de mil atropelos, punhados de percalços e amarguras para a felicidade eterna, que pode ser gozada ainda em carne e espírito, por aquele que, na Terra, aprende, depreende e colhe a verdade cristalina e prazerosa que existe em todas as coisas, inclusive naquelas em que, aparentemente, só detectamos fealdades.

— Filho, que discernimento! Estou orgulhoso. Vislumbro-o com alma esvoaçante, disposto a receber os fluidos da vida. E isso lhe garantirá bons augúrios, pois todo acerto nos vem apenas quando abrimos as portas de nosso coração, confiantes em que saberemos eleger prioridades e escolher entre as especiarias que nos trouxeram as caravelas do destino a mercadoria e o tecido de que necessitamos para suprir nossas necessidades e cobrir nossa pele.

Naquela noite a polaróide da retina dos olhos de Riomar já se lhe apresentava predisposta a fotografar a esposa como modelo de mulher, paixão e amor. Era o milagre da semente plantada na carne que, antes mesmo de nascer, gerava frutos de ternura no coração de Riomar...



CAPÍTULO IX



CORRIMÃO

*Que sejamos uma espécie de corrimãos
Todos irmãos do mais puro sangue vermelho
Almas iguais refletindo no infinito do espelho
Capazes de dar apoio aos que sobem
E não deixar cair os que descem...*

Carlos Lúcio Gontijo

Passada a festa a cidade voltou ao seu normal— dias de sono, noites de trabalho duro. Os fiscais públicos se achavam apavorados com tanto tráfico de água. E, mais grave ainda, o João da Paixão Úmida se confessava desconfiado de que o fio d’água que descia do topo da montanha até um grande reservatório construído no meio dela, estava diminuindo, escasseando-se com inusitada rapidez.

— Isso aqui está parecendo com aquele país de que nos falam nas aulas de história e civismo — disse Riomar, em reunião com os funcionários da fiscalização.

— Como assim, chefe? — aparteou um dos presentes.

— Bem, os que nasciam naquele país eram para ser chamados brasilienses ou brasilianos, mas acabaram oficializando o gentílico brasileiro, que não passava de uma homenagem exatamente aos que traficavam pau-brasil, uma árvore que existia em abundância naquela nação e quase foi levada à extinção.

— E o que tem isso a ver conosco? — indagou outro.

— Ora, no Brasil, terra em que nasceram dois de nossos fundadores, o povo, desde a origem do próprio gentílico, jamais contou com bons exemplos de moral e probidade, com praticamente todos apostando na impunidade e se tornando cada vez mais ousados diante dos cofres públicos,

agindo sempre, por intermédio do tráfico de influência, em benefício de uns poucos privilegiados, que punham em curso a troca de informações confidenciais em prejuízo da grande maioria, convocada apenas na hora de pagar a conta, através do aumento de impostos e o conseqüente empobrecimento.

— Se verdadeira esta história, então temos que agir rapidamente contra os traficantes de água — interveio mais um dos funcionários.

— É isso mesmo. A água potável é o nosso ouro. Se de um lado é, pela sua escassez, fator de nossas preocupações e tormentos, de outro é símbolo de nossa união. Fizemos compreender que no infinito espelho social temos a mesma face, somos suporte e corrimão um dos outros. Ninguém consegue subir as escadas da vida sozinho por muito tempo, pois, em algum momento e lugar, todos fraquejam e necessitam de ajuda. Não podemos, então, permitir que um grupo de traficantes ponha tudo a perder. Ajamos, companheiros, antes que os agentes do mal dominem nossa Terra do Sol Eneblinado, mas, graças a Deus, habitada por gente ardendo em luz.

Nessa parte, o pastor Belchior Água Benta entrou para arrematar a questão, como líder religioso e componente da cúpula administrativa.

— Somos todos nós seres de luz, apesar de muitos não vislumbrarem o facho de estrelas que os habita. Precisamos sair à caça dos que infringem a lei, para que, recolhendo-os em Saneamento, tentemos reacender-lhes a lareira do cora-

ção e reconduzi-los à condição de alavancas com que Deus sustenta toda a sua obra. Contudo, neste momento, devemos identificá-los e prendê-los, antes que o estigma da impunidade prospere entre nós, impulsionando muitos outros irmãos na direção de objetivos menos nobres e fúteis.

Todos saíram do encontro dispostos a trabalhar dia e noite até encontrar a quadrilha que traficava água, vendendo-a a preços elevados nas comunidades mais distantes e quebrando o sentido de equilíbrio e preservação de que se revestia o programa de cotas, estabelecido pelo governo- geral, que levava em conta não apenas a distribuição democrática, mas também a sua conservação. Havia uma grande preocupação com as gerações futuras: a dessalinização da água do mar e das cisternas salobras já servia à irrigação das lavouras, o problema continuava sendo a água para o consumo humano. Mas as pesquisas continuavam e os técnicos projetavam muitas esperanças.

— Luzfonte, Luzfonte! Cadê você?

Era Riomar chegando em casa, disposto a reconquistar a confiança da esposa que o amava. Prometeu a si mesmo que daria mais atenção ao lar, pois estava decidido a, em vez de contar tudo a Luzfonte e não permitir que ela realizasse o aborto, tirar-lhe a idéia da cabeça através do reencontro com o amor.

— Que é isso, Riomar, em casa no meio da noite! Há quanto tempo isso não acontece?

— Pode ir-se acostumando, querida. Trouxe a garapa fresca de que você tanto gosta. Passei lá no engenho só pra isso.

— Não precisava.

— Precisava sim. E quero um beijo...

Os dias se passaram. E Luzfonte, cada vez mais boqui-aberta e espantada com a mudança, correu até a raizeira e amiga Correnteza das Ervas.

— O que a traz aqui tão cedo, ainda não são nem sete horas da noite.

— Tive um dia de insônia. Não peguei no sono. Deitei às oito da manhã e nada de dormir. Escutei por umas três vezes o pastor dando seus gritos rua afora: “Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem”.

Riram...

— Qual a razão de sua insônia, Luzfonte?

— Olha, o Riomar tá que é uma cera.

— Como assim?

— Espanou os móveis, esfregou o chão, tirou as teias de aranha das paredes, lavou as vasilhas e louças. Enfim, retocou todo o brilho de nosso amor. Não há curva de meu corpo em que ele não tenha passado o fogo luzidio de seus lábios.

— E isso não é bom, Luzfonte? Não era tudo o que você mais queria? Quem ama deve apostar. Ainda mais no caso de Riomar, um moço de boa cultura e incontestemente for-



mação humana e religiosa. Se um homem assim não for capaz de alquebrar do hábito do “passe-livre” e abraçar o ideal de família, quem o fará? Dê uma chance ao amor de vocês, Luzfonte.

— Há tempos não o sentia tão feliz. Nem mesmo a preocupação com o tráfico de água o tem afastado de casa ou empanado seu bom humor. Até voltou a rabiscar alguns escritos e poemas.

— Isso está no sangue. Ele é filho do pai. O pastor é nosso líder religioso, político e também poeta. Ele tem por onde puxar.

— Você tem razão. Veja o que ele me deixou sobre a penteadeira. Tem o sentido figurado de quem regressa às suas raízes. Vamos, leia...

“Aquele moço, cavaleiro prendado em flertes, vivia com um olho no mar e outro na areia, apaixonado que era pela canoeira e pela apanhadora de cocos. Levava a vida assim, cheio de dúvidas, até que um dia resolveu, inconfessadamente, casar-se com a canoeira, veloz remadora, mais bem-aquinhoadada em prestígio e posses, que derramava, embebida em mistérios e segredos, seu coração mar adentro, sem deixar sinais nem rastros.

Tempo passado no malpassado, eis que, sentindo-se mal-amado e desprezado, com o pensamento perdido no horizonte, olhou para trás, envolto em lembranças da humilde e preterida apanhadora de cocos. E viu ao longe as mesmas pegadas antigas impregnadas na areia branca. Descobriu, então, que havia errado de paixão e que o amor não é

um sentimento rápido, não se dilui em mares nunca dantes navegados: vai caminhando em nós, lentamente; dando-nos a chance de aprender a ver, decorar retas e curvas entre suores corporais, eternizando risos, lágrimas, marcas e cicatrizes. Daí, dessa forma arrebatado, foi só acompanhar as pegadas na areia e ir ao encontro do amor verdadeiro com o sabor gostoso de água de coco...”

— Nossa, Luzfonte, que lindo! Mais que metáfora de reencontro, esse bilhete poético é o pedido de perdão de quem volta. Tenha o seu filho e reconcilie-se com seu marido.

CAPÍTULO X



DIVISOR INCOMUM

*Tem gente que cuida de gente
Como quem separasse joio do trigo
De uns é amigo, privilegia e adora
A outros simplesmente sentencia e joga fora*

Carlos Lúcio Gontijo

O assunto em toda a Terra do Sol Eneblinado não podia mesmo ser outro: o tráfico de água era o tema de todas as conversas, e os fiscais tinham como ponto de honra solucionar a questão. Riomar, à frente das investigações, tomou como ponto de partida o seqüestro de Mariano Paixão, a quem fez questão de inquirir pessoalmente:

— Mariano, não o quero levar a interrogatório oficial, mas devo fazer-lhe algumas perguntas.

— Pode indagar o que você quiser. Quem sabe eu possa ajudá-lo.

— Aquele seu seqüestro pareceu-me, com toda a sinceridade, muito estranho.

— Estranho, por quê?

— Olha, você diz que eles só queriam os objetos e o dinheiro que você tinha nos bolsos e na sela de seu cavalo.

— É, foi isso. Eu reafirmo.

— Mas então, por que o aprisionaram?

— Sei lá, Riomar. Os irmãos Poço são meio doidos.

— Doidos que nada, o Zé e o Cecéu são bandidos bastante espertos. Por que o martirizaram e torturaram?

— Repito, não sei.

— Se você não sabe, eu e todos acostumados a lidar com o mundo do crime e até mesmo os leigos com algum

discernimento, sabemos que só se tortura quando se quer arrancar alguma confissão ou segredo.

— Pode ser, mas dessa feita, no meu caso específico, eu apanhei por nada, por pura maldade.

— Então está bem. Eu acredito em você, Mariano Paixão.

A conversa só serviu para ampliar o grau de desconfiança de Riomar, pois já havia inquirido os irmãos Poço e descoberto que, mesmo tirados de circulação, eles continuavam liderando o tráfico de água através das visitas que recebiam no “campo de isolamento”. O dinheiro que ganhavam podia ser materializado e constatado pela melhoria de vida de seus familiares. Seu pai, por exemplo, Dedé do Poço, havia comprado a maior padaria de Saneamento por trezentos mil aguaneses, uma verdadeira fortuna, pois o aguanês era moeda valorizada.

Necessitando de apoio, Riomar recorreu ao pai.

— É, pai Belchior, os familiares de Zé e Cecéu estão, desculpe-me o trocadilho, ganhando dinheiro que nem água. Estão com os bolsos cheios de aguanês.

Belchior riu à solta...

— Ah, filho, todos já desconfiam.

— Mas, pai, precisamos de pegá-los com a boca na botija. Todas as vezes que prendemos alguém vendendo água é sempre um pé-de-chinelo qualquer. Um pobre testa-de-ferro.

— E o que você acha do seqüestro de Mariano Paixão? Filho, ali tem coisa. O Mariano, desde o seqüestro, anda mais arredio do que menino que fez traquinagem.

— Pai, não será que, sob tortura, o Mariano não revelou o segredo, o mapa da mina?

— Que mapa, Riomar?

— Eta Belchior! Pense, homem de Deus. O Mariano não é um dos que sabem o caminho variante que vai dar atrás da fonte que serve água potável a toda a nossa Terra do Sol Eneblinado?

— Isso é verdade, filho.

— E o João da Paixão não anda reclamando que sente uma vazão menor nos condutores de bambu-gigante que conduzem a água até as bicas públicas e às casas?



— Então vamos dar uma chegada à fonte, passando pelo caminho secreto que vai dar atrás da fonte. Hoje, assim que der 8 horas e 30 minutos da manhã e toda a cidade estiver dormindo, nós iremos tirar isso a limpo de uma vez por todas.

— Onde nos encontraremos?

— Quando você ouvir o eco de meu tradicional refrão “Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem”, pode sair de casa que eu estarei no fim da rua.

Riomar correu imediatamente para casa, pois Luzfonte já estava prestes a dar à luz seu primeiro filho e ele teria que lhe contar tintim por tintim, a fim de não deixá-la preocupada. Assim pensou e realizou. Na hora exata o grito certo:

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

— Nossa, pai, que bafo de aguardente.

— Não reclama, não, madame, pois este é o seu velho pai, porta aberta pra vida, que recebe tudo com alegria, não enche nem esvazia, não guarda nem vela, apenas vive.

— Que é isso, velho Belchior, ensandeceu? Que nada é esse?

— Não, filho, o que eu quero dizer é que apenas tenho procurado acolher as cheganças dessa vida e ser para todas elas um porto de ternura. Tenho buscado fugir das soluções advindas do processo social baseado no bem material, onde, segundo o filósofo grego Aristóteles, as pessoas se dividem entre aquelas que poupam, como se tivessem o privilégio da eternidade neste mundo carnal; e as que gastam afoitamente, como se fossem morrer amanhã...

— Está bem, pai. Compreendi a lição, mas passemos a prestar atenção no caminho.

— Pera aí, deixe eu tomar mais uma talagada e morder um torresmo.

— Passe-me a garrafa, também quero experimentar...

E nessa confraternização entre pai e filho foram avançando pela montanha de pedras e flocos de gelo que desprendia do cume. Já iam longe na caminhada, atordoados

pelo frio insuportável para quem vivia numa terra tão quente, quando Belchior tropeçou num bambu-gigante imunizado, usado para conduzir água.

— Riomar, socorro. Vou despencar.

Ágil como uma flecha, ele segurou a mão do pai, salvando-o da queda em um mortal despenhadeiro. Daí em diante foi só seguir os sinais da ligação de bambus.

— Pai Belchior, veja lá. Ali, naquele plano escavado.

— Sim, há umas oito, dez pessoas.

— Nossa, fizeram até um pequeno reservatório de recolhimento de água. Quanto vasilhame!

— Observe só, já estão iniciando uma segunda fase.

— Que segunda fase, filho?

— Olhe lá, estão dando início às interligações que levarão a água encanada até o sopé do morro. Isso feito, é só jogá-la no lombo das mulas e sair vendendo a peso de ouro aos que puderem, ou estiverem dispostos a pagar.

— E os clientes serão muitos, pois é grande a gama dos que detestam viver sob regras, ainda que em benefício da coletividade. Em alguns casos, viver fora dos parâmetros legais, recebendo privilégios, é sinônimo de *status*, ainda que em prejuízo, tanto da grande maioria no presente, quanto da geração futura.

— Tem razão, meu pai. E no caso da preservação da água, o problema é de fundamental importância para a Terra do Sol Eneblinado, já tão carente do produto. Vamos embora, pois agora nada podemos fazer. Amanhã, retornaremos com um grupo de fiscais e prenderemos toda a quadrilha.

— Que dia duro, Riomar. Estou com vontade de descer rolando para chegar até lá embaixo.

Extenuados, chegaram ao sopé da montanha.

— Pai, mais que cansado, estou exangue. O calor é tanto que parece que não tenho nem sangue nas veias; sou movido a suor.

— Chega de reclamações. No “amanhecer” da noite, logo no fim do dia, quando a cidade acordar, você tem que retornar. Afinal, é você o chefe do departamento de fiscalização.

— Não se vanglorie de sua sorte, meu caro pastor, pois o senhor tem uma missa a enfrentar às 6 horas da tarde. Sebo nas canelas. Aliás, pode apressar o passo porque seu compromisso público é bem antes do meu.

— Então me deixe correr. O mar me espera para um banho rápido antes de eu receber os fiéis.

Riomar caminhava lentamente. Sua mente ia lá na cumeeira dos pensamentos e voltava. Temia que a trama do problema do tráfico de água fosse desaguar no amigo Mariano da Paixão. Os indicativos eram enormes e os indícios já eram quase que explícitos. Ao entrar na rua em que morava já era noite mal raiada. Bateu a mão nos bolsos e viu que tinha perdido a chave de casa. Se Luzfonte dormira até mais tarde teria que bater na porta e acordá-la... De longe observou que havia uma movimentação não costumeira na rua, apertou o passo. Logo constatou um entra-e-sai em sua casa... Entrou correndo.

— Gente, gente. O que foi?

— Não se avexe não, homem. Eu sou avô.

— Então meu filho nasceu?

— É claro, seu tonto. Haveria outra forma de eu ser avô?

— Cadê Luzfonte?

— Está no quarto, ainda aos cuidados de Correnteza das Ervas, que foi providencialmente chamada pelos vizinhos.

— É menino ou menina?

— É um lindo e saudável menino.

Riomar, aflito e ansioso, bateu na porta do quarto:

— Correnteza, Correnteza, posso entrar?

— Sim, maridão, já pode e deve.

Correnteza o cumprimentou e foi saindo rápido:

— Tiaú, estou deixando o ninho...

E era mesmo um ninho de amor e felicidade. Quem tivesse sensibilidade e ouvidos capazes de escutar abraços de almas e bater de asas de luzes amantes, haveria de sentir a cauterização e poder de cura do bisturi invisível da paixão.

Riomar poupou Luzfonte de suas agruras, mas avisou-a de que as investigações estavam a um passo do fim e que ele tinha de sair para tomar providências inadiáveis.

— Não, amor, eu compreendo.

— E não se preocupe, não. Assim que tudo ficar solucionado e apurado, eu vou ficar tanto tempo em casa que você vai até enjoar de mim.

— Duvido muito que eu me enjoie. A eternidade seria pouco tempo para tê-lo ao meu lado e atender à imensidão de meu sentimento...

Beijaram-se e Riomar saiu para colocar termo à dura tarefa.

A fim de que não vazasse informação alguma, fez questão de reunir fiscais e policiais no pátio da sede da administração pública, de onde todos saíram direto para o cumprimento da missão, sem que ninguém tivesse tempo de fazer qualquer outra coisa que não fosse montar seus cavalos e partir... Antes de iniciar a subida à montanha, Riomar riscou numa área arenosa os seus planos, que visavam, sobretudo, aprisionar os componentes da quadrilha sem que houvesse mortes.

— Vocês estão cercados. Não reajam. Olhem à sua volta. À frente, pelotão!

E todos os malfeitores, entre assustados e surpresos com a resoluta demonstração de força, saíram de seus esconderijos e se renderam.

Infelizmente, todas as suposições levantadas por Riomar se revelaram verdadeiras. Mariano da Paixão contara o segredo de Estado a facínoras e isso não era admitido, não poderia ser aliviada perante a lei a sua culpa. A água era tida como a essência da nação, e seu tráfico deveria, segundo os preceitos, ser punido com a morte. Até aí nada de mais, porém a decretação da sentença máxima, no caso, deveria ser promulgada pelo próprio pai, o governador-geral e guardião dos ditames constitucionais.

Belchior Água Benta foi escolhido para fazer o comunicado a João da Paixão Úmida. E, após explicar todos os ângulos da questão, evidenciando a imparcialidade e o respeito à justiça com que foram levantadas todas as provas, ouviu do governador-geral a seguinte resposta:

— Na missa de amanhã, a palestra ficará por minha conta, quando pronunciarei o meu veredicto, não como pai, mas na condição de representante do povo.

Belchior saiu do encontro trazendo no semblante o peso do imbróglio, sopitando drama familiar e de Estado porque, fosse qual fosse a decisão de João da Paixão, abrir-se-ia uma vala, uma mácula indelével no tecido social. Com toda a certeza, ninguém faltaria à missa do princípio de noite do dia seguinte.

Nunca a igreja ficou tão cheia, o público tomava conta de todo o adro, de toda a rua. João da Paixão, classificado como ateu de fé, pois que trazia Deus no coração (apesar de não aclamá-lo), através de suas obras, da caridade e do amor ao próximo, era dessa vez o centro de atrações.

— Aqui estou, não na qualidade de pai de um acusado de trair o Estado, trazendo-lhe o risco de engolfar em voluptuosidades que podem desembocar em maquinações contra a ordem e o futuro coletivo, que devem a todo o custo imperar sobre os desejos, ganâncias e fraquezas individuais. O povo é, em seu conjunto de predicados e defeitos, o meu Deus, a energia que me move. Às vezes é mais fácil louvar os vícios e bradar falsas lisonjas do que recompensar a correção ou punir os ímpios. Vivo, desejo agradar e defender o povo; morto, espero ser eternizado pela energia do reconhecimento e do elogio. Prefiro o licor amargo da eterna vigilância do que beber a alegria etérea e passageira da promiscuidade, da imprevidência do deus-dará. E essa filosofia de vida me vem de nossa Virgem Santa sem Cabeça, uma

imagem divina, mas que necessita da consciência dos homens, aos quais oferta a sua energia. Ou seja, nossa santa padroeira nos incita a agir com ela em sinergia, passando-nos a mensagem de que cada um de nós é capaz de realizar pequenos, mas significativos milagres, basta que trabalhemos honestamente em prol do pão e do crescimento do respeito à paz e à convivência em comunidade.

Todos os mistérios e todas as contradições se conciliam à medida que compreendemos ou temos a perfeita noção de que forças invisíveis agem entre nós e que devemos lutar não em nome de nós mesmos, mas pelo gênero humano. E imbuído dessa responsabilidade coletiva, qualquer um de nós que caia sob os açoites da tortura ou de suplícios ingentes aplicados por malfeitores não revelará segredos vitais à sobrevivência da população, e a única expressão que de nós se arrancará será o gemido de dor. Assim sendo e ciente de que só dentro do respeito mútuo e do tratamento bilateral (e igual) se podem estabelecer a confiança e a amizade coletiva, condeno meu filho Mariano da Paixão Úmida, os irmãos Poço e os demais integrantes da quadrilha à morte, totalizando 12 cidadãos, que deverão ser enforcados em, no máximo, dois dias.

No mais, espero que esse incidente não passe a idéia de um Estado que se coloca senhor da vida e da morte. Assim como temos trabalhado no sentido de preservar a divisão de rendas equânime que ostentamos, não planejamos ensinar a violência como forma de dar cabo às desavenças e entreveros. Não é à toa que erigimos a cidade de Sanea-

mento, onde as pessoas que cometem atos ilícitos levam uma vida praticamente normal, trabalhando, freqüentando escolas e obrigadas, até pelo próprio instinto de sobrevivência, a estabelecer um clima de concórdia e convivência, o que sem dúvida alguma tem sido vital para a recuperação de muitos que, mesmo já livres de suas penas, optam por continuar morando em Saneamento.

Enfim, revolveremos o passado contado por nossos fundadores, em que nos deparamos com um país chamado Brasil, que descoberto por um português chamado Pedro Álvares Cabral, este solicitou que um dos companheiros de navegação mandasse uma carta ao rei. Eis que o escriba Pero Vaz de Caminha, em meio a encantamentos com a nova paisagem, registra em um trecho a semente e a razão da submissão e aceitação da pobreza em que, mais tarde, viveria a maior parte dos que vieram a habitar aquele país latino: “São muito mais nossos amigos do que nós, seus”. E os condenados não se mostraram nossos amigos e nós não podemos cometer o erro de agir com amizade ou paternalismo em relação a eles. Que a paz e o sentimento de coletividade acompanhem os passos de cada um de vocês.

— Amém, irmãos, Deus esteja conosco. Rezemos à nossa Virgem — entrecortou o pastor Belchior.

— Oh, Virgem Santa sem Cabeça...

CAPÍTULO XI

ANTIQUÁRIO



*Nosso amor é tão antigo
Que tenho comigo um temor
De nem sempre estarmos a salvo
Do alvo-desejo de algum colecionador*

Carlos Lúcio Gontijo

A execução dos condenados foi realizada em ambiente fechado e distante dos olhos do povo, pois o governo-geral não desejava fazer do infausto uma demonstração de poder, uma comemoração em praça pública. João da Paixão Úmida se encontrava arrasado como pai, mas espiritualmente mantinha sua eutimia, ciente de que havia cumprido o seu dever de homem público e comprovado seu senso de justiça e de devoção ao tratamento igualitário, sem os quais toda democracia não passa de um simulacro letárgico e aberto à construção de nichos de privilégios, dos quais se originam os exemplos de violência mais cruéis que um Estado pode dar: a pobreza, a fome, a miséria, a precariedade assistencial no tocante à educação, à saúde, à moradia.

Ninguém estava mais magoado e de coração mais ferido do que João da Paixão Úmida que perdera o filho que preparava para substituí-lo. Só se sentia menos transtornado por ter agido em nome do respeito às leis e da não-propagação da impunidade, que, comprovadamente, são capazes de alimentar a idéia de que o crime compensa ou que vale a pena se arriscar no cometimento de atos ilícitos.

Os dias se passaram. E os sermões do pastor Belchior Água Benta atuavam como bálsamo na mente da população, que, rapidamente, retirou dos olhos as marcas deixa-

das pela sombra da morte por execução. Assistiu-se, de imediato, ao fim do tráfico de água, com a adesão da população que, de certa forma, se sentiu culpada ao ter ciência de que a comercialização ilegal não existiria sem a cobertura e a conivência de muitos.

— Como anda a fiscalização, Riomar? — indagou Belchior Água Benta.

— Passou da água para o vinho. Está tudo mais fácil. O povo foi alertado para a importância da preservação da água em Terra do Sol Eneblinado.

— Que bom, filho!

— Ótimo mesmo. Assim, eu estou podendo ajudar João da Paixão na administração do engenho e no controle de fornecimento d'água. A única coisa que está me preocupando é que Florano Orvalho parece não estar gostando de minha presença por lá.

— Como assim?

— Evita falar comigo e contradiz minhas ordens junto aos demais trabalhadores.

— Isso é grave, filho. Você precisa conversar com ele, antes que a discórdia avance.

— Farei isso na noite de amanhã. Assim que começar o batente.

— Até logo, filho. Tenho que ir conversar com o João da Paixão. Vou com a Maria.

— Ah, a Maria também vai?

— Sim, ela também vai.

— Desculpe-me, mas de que vocês vão tratar?

— É muito pessoal, muito pessoal mesmo.

— Já sei, pai. Você vai falar sobre seu relacionamento com Maria.

— Não filho, não é isso!

— Pai, sejamos francos. Essa é a primeira vez que o vejo fugindo da raia.

— Tá bem. Vou pedir Maria em casamento.

— Parabéns, meu pai. Já era hora de o senhor pôr termo à sua viuvez.

— Quer dizer que eu tenho o seu apoio?

— Claro, pai. Eu não pretendo deixar Luzfonte. O filho, que antes desejei para fazer uso do passe-livre e exigir que Maria da Paixão cumprisse a palavra do pai, que me prometera dá-la em casamento, acabou servindo para que eu redescobrisse o meu antigo amor por Luzfonte.

— Eu sei disso, filho. E essa é a razão de eu ter me decidido a falar com João Úmido — às vezes era assim que alguns chamavam João da Paixão Úmida.

— Quer dizer então que o senhor já sabia de minha desistência de abandonar Luzfonte?

— Claro, Riomar. Está nos seus olhos o brilho de luzes e os arcos-íris da paixão renovada. Você imaginou que seu filho Rioluz seria o oceano que o separaria da esposa. Mal sabia que o mar que separa é o mesmo que une. O amor foi mais forte, içou velas.

— Mais uma vez, para variar, você tem razão. E eu faço questão absoluta de acompanhá-los nessa conversa. Afinal, devo ao João Úmido alguma satisfação.

Seguiram abraçados até a sala de João da Paixão, onde Maria já se encontrava.

— Que faz Riomar aqui?

— Vim para apoiar. Estou feliz com o amor de vocês.

Maria não se fez de rogada, demonstrou claramente sua alegria. O rosto e as palavras eram a tradução de uma sonora festa interior. João da Paixão, refestelado em sua cadeira, levantou-se e disse?

— Que festa é essa, gente? Num tempo de tristezas desse não posso perder...

— Assossegue, pai. Já o senhor saberá de tudo.

Aí foi um desembrulhar de novidades sem fim...

— Pelo que vejo e sinto eu estou completamente gagá. Tudo isso acontecendo sob o meu nariz e eu nem me dei por nada.

Quando pensava ter terminado o desfile de ineditismo, pelo menos para ele, eis que João da Paixão e também Riomar recebem a flechada final.

— E tem mais, pai, eu e o Belchior esperamos um filho já em adiantada gestação.

João da Paixão, fragilizado pelos últimos acontecimentos, entrou em pranto incontido. Enquanto Riomar pulava e socava o ar como quem tivesse feito ou assistido a um lance de gol...

— Que é isso, filho, quem foi o artilheiro?

— Vocês, pai. Vocês são o meu time. Rioluz terá um companheirinho.

— Companheirinho, não. Pode ser uma companheirinha — brincou Maria da Paixão.

— A ocasião seria para festa, mas por enquanto ela se restringirá ao nosso interior, onde poderemos acender fogueiras e embebedar de alegria.

— Você tem razão, João, os dias ainda são de luto, de resignação e, principalmente, de avaliação de nossos erros e acertos.

— Concordo plenamente. Na muda, os pássaros não cantam. E nós estamos como que a trocar de penas — filosofou Maria.

— Mas não nos faltarão manhãs nem esperança para recuperarmos a vontade e o ímpeto do vôo, com o vento da bonança batendo em nosso rosto — profetizou o pastor Belchior Água Benta.

— E isso é mais que certo, pai. Se Deus reacende amores no coração, a sociedade ordeira e fraterna também ressurgerà das cinzas, muitas vezes necessária para a valorização dos tempos de fogo e luzes que, de constantes, passam a não ser percebidos, uma vez que alimentados com o trabalho e a vigília do coração, como se fossem produtos de geração espontânea.

— Como venho pregando, Riomar, nada é mais árido do que uma mente fechada e encarcerada pela ignorância. Cabe ao governo dotar o ensino de uma pedagogia que priorize o sentido crítico, o sentimento coletivo e a criatividade. Crime e violência, roubos e ilícitudes não são coibidos com polícia, pois, assim como quem é viciado em mel não deixará de pegá-lo por temor à picada das abelhas, os que não atendem às leis não as respeitarão diante da sombra da punição.

— Então o que fazer, Belchior?

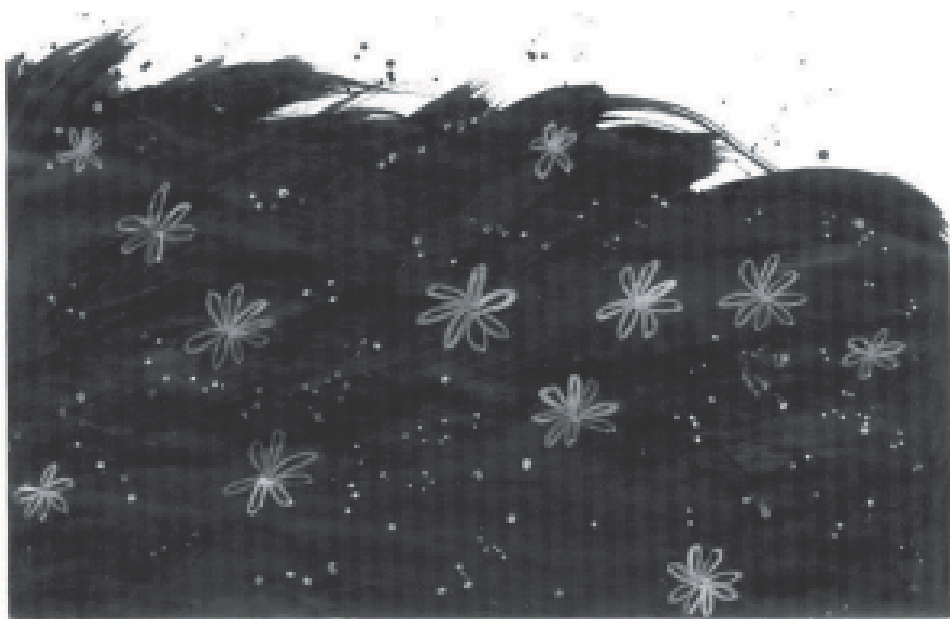
— Educar, filho. Educar.

— Sim, pai. Educar e dar consciência coletiva e de cidadania, antes que caminhemos para uma verdadeira colcha de retalhos em matéria de sentimento e comportamento moral. Andamos nos desculpando com a alegação de que fazemos o que podemos, apesar de estarmos podendo cada vez menos. Cristo é nosso Rei, visto com admiração e louvor, mas não como exemplo a ser seguido: temos nossas prioridades e dentre elas não está inserido o risco de ser crucificado, ainda que por uma causa justa. De certa forma, como se fôssemos guiados pelo Diabo, também corremos da cruz...



CAPÍTULO XII

FLOR LÍQUIDA



*O céu da estrela é sabedor
Por contê-la na eternidade do espaço
A humanidade o amor reconhece
Pelo calor-umidade do abraço
Que o peito líquido em flor aquece!*

Carlos Lúcio Gontijo

João da Paixão, que mesmo se confessando ateu, mas cren-
te na ação de energias invisíveis, se sentia bafejado por alguma
providência divina, pois a notícia do casamento de Maria da Pai-
xão com o pastor, acompanhada da breve chegada de um neto,
servia-lhe de mercurocromo para as feridas abertas em seu
âmago. Se existe um Deus, ele é como costuma apregoar Bel-
chior Água Benta: tira e repõe, apaga e acende a luz, como se
fosse um farol a nos guiar. Não há quem não reconheça o amor
quando o encontra, ainda que dele tenha andado sempre distan-
te. Todos nós temos gravado em nossos sentidos o sentimento
de proximidade com as estrelas e os espaços sem fim.

— Boa-noite, João da Paixão.

Era Riomar, chegando ao engenho e disposto a infor-
mar sobre o estranho procedimento de Florano Orvalho, o
eunuco, que ali não era substantivo a designar homem cas-
trado que, no Oriente, servia de guarda nos haréns de reis.
Não passava de uma outra denominação para “gay”.

— O que o traz aqui logo no início de mais uma noite de
trabalho?

— Ando tendo problemas com o Florano Orvalho, ape-
sar de jamais tê-lo ofendido. E noto que a sua animosidade
para comigo vem num crescendo sem limites.

— Feche a porta, Riomar. Tenho que lhe confidenciar um antigo segredo.

— Minha Virgem Santa sem Cabeça, lá vem mais fato desconhecido. Até parece que estamos vivendo um tempo de atribuições e inesperadas revelações.

— Calma, homem. Não estarei a lhe anunciar o fim do mundo. Apenas acho que devo colocá-lo a par de uma situação que vivi por longos anos. E é até bom que lhe fale, não somente porque você é praticamente da família, mas porque assim você descortinará em mim um homem capaz de ser compreensivo e tolerante.

— Vamos lá, João. Saia dos preâmbulos e entre logo no fundamental.

— Riomar, o eunuco era “caso” de Mariano da Paixão.

— O quê?!

— É isso mesmo que você ouviu. Mariano era homossexual. E eu respeitei a sua opção, ainda mais que ele sempre agiu com discrição e, além do mais, o Florano se transformou num grande auxiliar. Pessoa da mais absoluta confiança e bastante competente.

— Mas a presença dele em sua casa não deixou de exortar as mentes e línguas malevolentes a tirar conclusões errôneas a que numeroso contingente de cidadãos tem como fato verdadeiro.

— Eu sei. Como sou viúvo e não me casei, o povo crê na pecha e aposta que o eunuco é ligado a mim. Ou mais claramente: todos juram de pés juntos que existe um lance sexual entre mim e ele.

— Mas, agora, você pode revelar a realidade a todos.

— Não, isso seria o mesmo que humilhá-lo. E ele é uma pessoa extremamente sensível. Além do mais, para provar ao povo que nada existe, eu teria que afastá-lo do engenho. Como não pretendo fazer isso e o assunto está de há muito absorvido, o bom senso me aconselha a não mexer no vespeiro.

— Mas e essa raiva, esse ódio que ele tem de mim?

— Essa ira vem daquele dia em que você, em momento de descontrole, discuti com Maria da Paixão no engenho e me acusou de viver com um eunuco.

— Meu Deus, de que não é capaz de provocar um gesto inconseqüente! O mal, realmente, é o que sai da boca do homem!

— Pois é. E, agora, com a morte do Mariano, que foi preso devido à sua investigação, aquele incidente está mais que vivo em seu coração amargurado. Por isso, recomendo-lhe o máximo cuidado.

— Pode deixar. Se ocorrer qualquer entrevero, ele não virá de minha parte. Aliás, estou disposto a me afastar daqui por uns tempos.

— Não, pelo amor que você tem por Lufzonte e seu filho Riolut, não faça isso. Não tenho para quem passar as suas tarefas.

— Se assim é o seu desejo, eu o cumprirei. Afinal, devo-lhe obediência.

— Eu lhe agradeço e peço que não repasse a terceiros a relação do meu falecido filho com Florano Orvalho.

— Fique tranqüilo, de minha boca ninguém o saberá.

Não serei eu o primeiro a acionar a mola propulsora da difamação de meu amigo Mariano da Paixão, ao qual, mesmo na morte, me acho ligado, pois meu pai acaba de casar-se com sua irmã, Maria.

Riomar saiu da sala de João da Paixão compenetrado de sua responsabilidade e preparando-se espiritualmente para não ceder às provocações de Florano Orvalho. Entrou na área de engenho cumprimentando a todos indistintamente.

— Homem de sorte que você é, Riomar. O Mariano morre e você assume o lugar dele...

— Não é bem assim, Florano.

— Que não é o quê. Você é um descarado, um inescrupuloso que não mede atos para chegar ou estar próximo do poder.

— Não sou obrigado a ouvi-lo. Com licença.

— Com licença, nada. Anda, responda-me. Como vai Maria da Paixão, a mulher que você prendeu todo esse tempo como esposa prometida, já com a intenção de repassá-la a seu pai.

Revoltado, apoplético, Riomar deu-lhe um portentoso empurrão, suficiente para que ele perdesse o equilíbrio e batesse a cabeça na roda de moenda de um dos engenhos, com o sangue esguichando abundantemente. Todo o engenho entrou em pânico, principalmente Riomar que mal acabara de prometer resistir ao esgrimir da afiada espada da língua de Florano.

— Que foi, gente, que foi?

— Florano morreu — respondeu um dos trabalhadores.

— Mas como, como?

— Tudo começou com as insistentes provocações do Florano. Riomar fez de tudo para sair fora — garantiu outro.

— E tem mais, governador. O Riomar não tem culpa alguma. Foi um lamentável acidente, coisa do destino — afirmava Leno Pingo, um dos mais velhos trabalhadores do engenho.

— Como foi, Pingo?

— Oh, patrão, não havia jeito. A grande verdade é que, não sei por quê, após a morte do Maria-no da Paixão, o



Florano virou um transtornado. Perdeu o amor à vida. Era, com o perdão da Virgem Santa sem Cabeça, um suicida em potencial. Deus lhe deu o que ele queria.

Vendo Riomar em completo desespero, João da Paixão, já calejado por tanto sofrimento, percebeu que quem precisava de apoio incondicional era o pobre coitado, eleito pelo tresloucado do eunuco como uma espécie de agente ou anjo de sua morte. A seu chamado, logo chegaram ao local Belchior, Maria da Paixão e Luzfonte. Todos se juntaram ao redor de Riomar, que choroso culpava a atmosfera espiritual ruim em que se metera a sociedade, tão voltada para veleidades menores e devassidões maiores.

— Precisamos desarmar os espíritos, cuidar mais de nossas almas, que precisam ser estendidas nos varais ensolarados da fraternidade.

— Não se amofine, filho, nem se culpe, pois você é um daqueles que nunca arriou o varal da solidariedade. Olhe à sua volta. Não tem uma testemunha que o culpe. Todos comprovam quanto você suportou, quanto você evitou digladiar-se com o espírito peçonhento que tomou conta do antes bom, cordato e amigo Florano.

— É, querido, ouça o seu pai. Ninguém podia ajudar Florano, nem mesmo nossa santa padroeira, pois nossa amada Virgem Santa sem Cabeça emana energia, força e luz, mas necessita de nosso cérebro, de nossa própria consciência, sem a qual não acontece a sinergia, a interação que nos permite realizar o milagre do bem e da amizade entre todos os homens.

CAPÍTULO XIII

FESTA DOS POROS



*Sexo é cooper de cama
Trama de dois corpos
Ramas de carnes em postas
Que se entregam sem apostas
Que se roçam feito gravetos
Inventando sonetos, descobrindo o fogo
Do jogo de luzes do amor que cura
Banho-maria de Josés e Teresas
Almas presas no suor-cloro da procura
Onde o que conta (e resta)
É a festa dos poros*

— Desgraça atrai desgraça, Lulu Lago.

— Não creio nisso não, Correnteza das Ervas. Nisso você está completamente enganada.

Mas veja só, nem bem enforcaram aquele tanto de gente e já veio a morte de Florano Orvalho.

— Isso é porque você está mais voltada para a ressonância da violência. Senão você veria que nesse intervalo nasceu o filho de Riomar.

— E o que tem isso?

— Será que você não percebeu que está havendo uma grande mudança no pensamento da sociedade? O filho de Riomar nasceu e ele continua casado com Luzfonte.

— É, nisso você tem razão! Ao que parece, estão todos preocupados com a revalorização da família. Já são muitos os casos de lares mantidos de pé por muito tempo, premiando a sociedade com cidadãos psicológica e afetuosamente bem formados.

Estavam nessa prosa quando o pastor Belchior Água Benta chegou procurando por Correnteza das Ervas.

— Correnteza, preciso que você vá ficar de plantão em minha casa.

— Plantão por quê, pastor?

— Acorda, Correnteza, não está vendo que ele se refere a Maria da Paixão?

— É isso mesmo, Lulu. A Maria começou a sentir fortes contrações.

— Está bem, pastor, pode ficar tranqüilo que, daqui a pouco, eu estarei em sua casa.

Nem bem o Belchior virou as costas e Lulu Lago, com ares de vencedor, disse a Correnteza das Ervas:

— Cadê a corrente de desgraça que você afirmava estar envolvendo a Terra do Sol Eneblinado?

— Está bem, Lulu. Foi apenas um momento de pessimismo meu.

Fechou a porta e seguiu rumo à casa do pastor, onde a criança nasceu ao meio-dia, quando todos faziam meia-noite, entregues ao sono profundo. Belchior saiu rapidamente para avisar João da Paixão Úmida e ao filho Riomar.

— Que foi, Belchior? Não me diga que tem mais tristezas para eu chorar — balbuciou, sonolento, o governador João...

— Não, dessa vez estou lhe trazendo o bálsamo da redenção.

— Que bálsamo, homem, destrinche logo a que veio.

— Nasceu o seu neto. Um menino de todo o tamanho.

— Já tô indo.

— Não precisa se levantar. Volte a dormir e, em nome de seu neto, vá à missa amanhã. Acho que será bom para a sua imagem perante a população.

— Tem razão, Belchior. Eu, que estive lá para proclamar uma sentença de morte, devo retornar agora para anunciar a chegada de uma vida nova.

— É isso mesmo, João. Até logo, estarei esperando.

— Pode esperar tranquilo, pois não perderei a hora. O bode e o bodinho saem às carreiras ao primeiro tanger de sinos. São uns verdadeiros papa-missas.



Da casa de João da Paixão, Belchior partiu para despertar o filho, onde teve que esperar Riomar e Luzfonte se prontarem, pois queriam a todo o custo ver a mãe e o bebê recém-nascido. No caminho de volta, o pastor fazia Luzfonte cair na risada, quando, de repente, seu grito cortou o silêncio do dia:

— Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem...

— Pastor, meu sogro, que é isso? Sempre ouvi esse bordão deitada em minha cama. É a primeira vez que o ouço ao vivo...

Caíram na maior risada. E no mais o tempo passou no desalinharo sem fim das conversas calorosas e amenas que enovelam o coração e o seio das famílias. Não demorou muito e Belchior já fazia soar os sinos. João da Paixão foi um dos primeiros a chegar, com sua presença chamando a atenção de todos. O pastor, mais que nunca, se esmeraria no sermão.

— Caros fiéis, não há transformação sem dor. Não nos vêm de graça os bens materiais e o amor. O ter é fruto do suor de nosso rosto, enquanto que o amor é dependente de nossa doação e do quanto deixamos desaguar de nós mesmos no coração do outro. Por isso só o encontram aqueles que confiam e apostam no ser humano, acreditando que reside no outro o nosso espelho mais fiel, pois que são os olhos dos que nos amam que podem penetrar em nós além da face refletida nos espelhos. Hoje esse pastor que vos fala está com o peito mergulhado no doce mel do regozijo e da felicidade, pois o jardim matrimonial de minha união com Maria da Paixão deu-nos uma bela flor, nasceu nosso filho Mariano Belchior Água da Paixão Benta.

— Deus os abençoe, que a Virgem Santa sem Cabeça os ilumine.

Festejaram os fiéis em coro ensaiado pelo coração, enquanto João da Paixão, não contendo as lágrimas, era aflagado por Riomar, também emocionado. E o pastor, com os olhos ostentando o brilho do merejar, retomava a palavra.

— Deus nos ensina, através da Natureza, que toda realidade que se preza deve levar uma pitada de sonho, ganhar

asas e sair do chão como se fosse um pássaro. Não há lugar nem canto em que Deus não esteja. Seu espírito está conosco no trabalho, nas comemorações, na fé e nas orações. Estende-nos as lareiras de seu hálito quando nos entregamos à paixão, dominados pelo desejo, pela libido de toques e roçar de pernas com quem amamos. O sol causticante de uma paixão não nos rouba a umidade, mas, pelo contrário, canaliza para o nosso coração toda a luz e nos ensina a beleza da humildade de nos entregar e pertencer ao ser amado, que nos ajuda a cultivar os canteiros da convivência e manter acesas as velas santificadas que iluminam toda paixão verdadeira, semente em fogo ardente do verbo amar, que se transforma em tangível substantivo quando jogada na carne e regada pelo suor de dois corpos amantes, sinônimo de festa dos poros. Daí nossa alegria ao recebermos a bênção de ser pai e mãe.

O filho meu e de Maria levará em seu nome uma homenagem ao seu falecido tio e ao seu avô João da Paixão Úmida, para que saboreemos a sensação de continuidade e aprendamos de vez que não somos seculares nem colhedores de tempos inteiros.

A nós simples mortais, só resta absorver intensamente cada segundo, cada minuto e se eles renderem algum tempo, teremos horas felizes; se forem mais à frente ainda, alegraremos com dias de contentamento; se os dias de risos avançarem, alcançaremos meses de gozo; se a enchente prosseguir, comemoraremos anos de felicidade... Todavia, irmãos, pelo sim, pelo não, peguemos sempre nas mãos de

nossa Virgem Santa sem Cabeça, abracemos cada átimo, cada mínima oportunidade de sermos felizes que se nos apresentar pela frente.

Em suma, o segundo é o princípio dos séculos e um segundo bem vivido pode valer por todo um rosário de tempo passado em letargia, em desacordo com os planos de Deus, que nos concedera o livre-arbítrio e, como energia dinâmica e realizadora, continua espalhando galáxias e luzes espaço sideral afora. Não nos escondamos na escuridão como as sombras que, quando resolvem abandonar o seu esconderijo, se perdem na luz. Ide em paz, meus amigos, e aprendei a cuidar de tudo aquilo por que vossos corações e desejos anelam, pois cada um de nós é responsável por um jardim em particular, onde brotam paixões, amores, alegrias, tristezas, filhos e todas as ervas e sais com que temperaremos a alma e o corpo que um dia será semeado no pó para que Deus colha o nosso espírito, a flor da carne. Oremos:

— Oh, Virgem Santa sem Cabeça...

Os fiéis se regalaram em júbilo. O culto se transformara em festa popular. João da Paixão, muito cumprimentado, era a expressão máxima da emoção. A confraternização se dava em tamanha integração e sinceridade que, se silêncio se fizesse, poder-se-ia ouvir o esvoaçar sinérgico de luzes por sobre a cabeça das pessoas.

— Maria, minha filha, como está você?

— Pai, melhor eu não poderia estar. Não há ferida que a alegria de ser mãe não cure.

Maria da Paixão quis levantar-se para ir com o pai até a sala, onde rolava uma festa improvisada...

— Não, filha, de jeito nenhum. Você tem que guardar repouso. Temos uma vida inteira para comemorar.

Estavam fundidos ao burburinho das conversas, quando ouvem os gritos de alguém chamando pelo nome de Belchior.

— Pastor Belchior, pastor Belchior.

Riomar correu até o portão de entrada. Tratava-se do fiel escudeiro de Aluvião Aguadio, responsável pelos trabalhos religiosos em Salobra.

— Me chame o seu pai, Riomar.

— Mas o que foi, de que se trata, Otávio Salgado?

— Anda, sô. Tem que ser mesmo com o seu pai.

Riomar retornou à casa para chamar o pai, que comandava a churrasqueira no quintal.

— Que foi, Salgado?

— A coisa está feia em Salobra. O Capitão Chuvisco esfaqueou o pastor Aluvião Aguadio.

— Minha Virgem Santa sem Cabeça, poupe-me de mais uma tragédia.

— Ele está fora de perigo, entretanto tudo nos leva a crer que a coisa vai pegar fogo. Só mesmo a sua presença para serenar os ânimos.

— Espere-me só por uns minutos. E, enquanto eu me preparo, entre e coma alguma coisa.

— É, eu estou mesmo precisando. Mas primeiro me arrume uma cuia d'água, pois meu cavalo deve estar morrendo de sede. Viemos num galope só.

Belchior conversou com Maria da Paixão e fez questão de não contar ao João da Paixão, deixando Riomar incumbido de arranjar uma desculpa qualquer. Afinal, depois de tantas agruras, ele estava experimentando o sabor de alguma felicidade.

— Tiau, filho, cuide das coisas por mim.

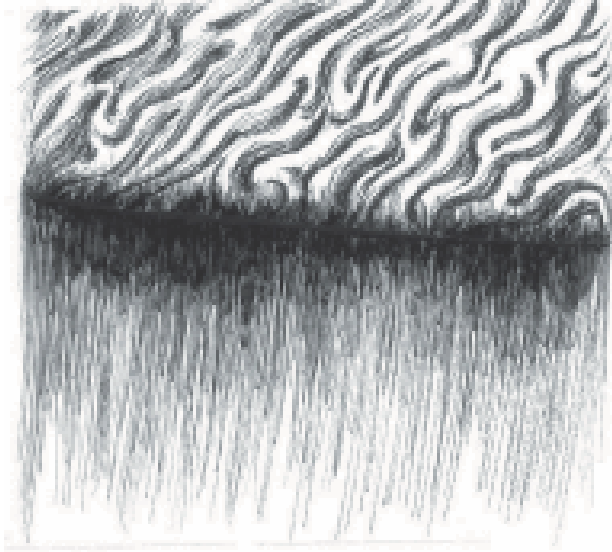
— Pode deixar, pai. Cuidado, pai.

— Tomarei cuidado, não tema.

Montou em seu cavalo e saiu a galope junto com Otávio Salgado. Riomar ficou olhando-os até que sumissem na curva do caminho...

CAPÍTULO XIV

CHUVA NATURAL



*Conforto de orvalho em flor
É nosso corpo em retalho úmido
Após a dança do amor carnal
Pajelança de chuva natural
Em que os olhos embaciados
Colhem sem pecados nuvens de suor
Que sob o sopro do coração
Dão aos lençóis a cor-feição
Dos sóis de nós mesmos...*

— Belchior e Otávio Salgado não demoraram muito a chegar a Salobra, onde já se achava armado todo um circo de guerra. Na porta da sede da administração se concentrava uma multidão disposta a tudo. Atingido no ombro pela faca de Capitão Chuvisco, Aluvião Aguadio se achava comodamente sentado, com um de seus discípulos não apenas religioso, mas aluno da escola de filosofia e pensamento crítico, contra a qual lutavam os senhores das terras onde se dizia haver um terrível monstro.

— Vamos, meu aluno Tangente das Águas, está na hora de pôr em prática a teoria. Faça um discurso para dar lucidez e sentido ao desejo de luta do povo revoltado.

Era Aluvião, ainda atordoado mas já dando ordens. E disposto a prosseguir a sua conversa com o pastor, levou-o até sua modesta sala de reuniões.

— Veja, meu amigo pastor, o bem que faz a educação que prioriza o sentimento crítico, a análise da realidade como ela é, e não dentro do que profetizam ser.

— Pelo que vejo, os dias do monstro silencioso estão contados.

— E é isso que eu quero que aconteça. Entreguei ao povo o poder de decisão. Fiz o meu trabalho com persistência durante mais de vinte anos, como líder religioso e professor.

— Eu sei. Quando você não estava na igreja, estava na sala de aula.

— Pois é. Liberei as amarras, não através da luta armada e sim por intermédio da conscientização.

— Disso eu sei, Aluvião. Você jamais pregou contra os senhores de terra e a oligarquia reinante. Sempre o ouvi ensinando o sentimento natural de igualdade, que até mesmo a Natureza nos demonstra todos os dias.

— E foi mesmo assim. Constantemente usei as coisas de Deus para pregar o direito à igualdade, uma flor que deve ser semeada e colhida no campo lavrado com o trabalho de todos os cidadãos. Meus alunos não crêem no destino de pobreza de uns e o bafejo da riqueza para outros.

— Essa é a máxima dos fatos sociais, que são orientados pela política de homens ímpios, que impedem o viçar de planos administrativos que contemplem a grande maioria dos cidadãos com o mínimo necessário para uma sobrevivência mais digna.

— Pastor Belchior, meus fiéis e alunos sabem muito bem de onde vem o fogo que corta e queima o campo social e responsabiliza a inclemência divina. Aproveitando-se até mesmo da idéia disseminada por antigos pregadores que projetavam para os fiéis a imagem de um Deus vingativo, carrasco e distante. E nós inovamos ao estampar-lhes um Deus de perdão e bondade, que nos dá o direito de errar, cair, levantar e seguir em frente, redimidos pelo próprio aprendizado da experiência.

— Amigo Aluvião, o Deus que foi louvado durante muitos anos não deixava de ser uma fábrica de ateus, pois o retrato que Dele revelavam era de um espírito que não apenas castigou Eva por comer a maçã, mas cortara, sem misericórdia, todas as macieiras, com a diabólica e resoluta pretensão de fazer de nosso estágio na Terra uma sofrida expiação. Cama de casal quase foi transformada em símbolo do inferno, quando é nela que se semeia a vida, que se aprende a presença de uma energia superior habitando o nosso corpo.

— Louvemos o nascimento de uma nova era, onde, independentemente da crença, as pessoas começam a se perceber como canteiros de almas, que podem ser colhidas ou profundamente sentidas em cada afago verdadeiro, desejado e consentido.

— Aluvião, meu caro, é se descobrindo como morada de Deus que cada homem passará às novas gerações o respeito que todos Lhe devem como sustentáculo do grande universo, onde todas as peças estão interligadas, com o Criador fazendo conta e não dispensando nenhuma de suas células, por menor e mais aparentemente insignificante que ela seja a nossos olhos.

— Ainda bem que juntamos as nossas forças, Belchior. Nosso povo, pelo menos a grande maioria, sabe que não é à toa que Deus não tem cor e, ao mesmo tempo, é a soma de todas elas, como se quisesse nos ensinar a ver uns aos outros como reflexos espelhados de sua luz.

— Infelizmente, o preconceito e a indiferença são as criações supremas do homem, Aluvião.

— Então, vamos ouvir o discurso de seu discípulo Tangente das Águas, que já deve estar no fim— e realmente já chegaram no finalzinho.

— Irmãos, meus concidadãos, vamos subir juntos até o vale do “monstro silencioso”, ao qual andamos imitando por todo esse tempo ao nos mantermos inertes e vazios de coragem.

— Mas e as milícias do Capitão Chuvisco?— aparteu alguém no meio da multidão impávida.

— Não precisam temer. Creiam, o “monstro silencioso” e os capangas do Capitão Chuvisco se alimentaram até agora do nosso medo e da nossa falta de discernimento.



Neste instante são eles é que estão borrando nas calças e sem saber como agir. Eu lhes garanto, embasado nos ensinamentos de nosso colendo pastor Aluvião Aguadio, que só existe uma batalha da qual homem algum pode afastar-se: aquela que se empreende pela liberdade. Só a liberdade, como nos asseveravam os gregos, tem uma arma a que força alguma resiste o desprezo da morte.

Isso dito, para surpresa de Belchior Água Benta, Otávio

Salgado pôs-se à frente da multidão e, numa homenagem ao pastor Belchior, bradou: “Quando Deus deixar de ser Deus eu deixo de ser homem”. E o bordão foi sendo repetido pela multidão, que não demorou adentrar as terras do Capitão Chuvisco, onde não encontraram qualquer resistência. Num piscar de olhos “atônitos” todos perceberam que já haviam atingido a área do “monstro silencioso”. Ou melhor, estavam sobre ele, que não passava de um enorme tronco de árvore em formato de um jacaré, surgido após uma tempestade que fez sangrar o lago-mar, e por cima do qual foram se juntando todo o tipo de lixo e dejetos, confeitados de flocos de neve, que desciam das grandes montanhas e tanto lhe iam realçando a forma quanto ampliando o seu gigantismo. Diante da multidão orgulhosa pelo feito, Otávio Salgado filosofou:

— Vejam, gente. Esta é a arma de todos os poderosos que vivem sob a ilusão de seu frágil poder, que pode ser facilmente destruído pelo povo. Toda a vez que palácios se tornam pelourinhos, impingindo leis e castigos aos cidadãos, podem ter a certeza de que a força que lhes permite infringir as regras democráticas não advém de seus exércitos nem da astúcia de seus estrategistas políticos, mas da lassidão e da fraqueza dos cidadãos, que entregam a sua sorte ao destino e ao desenrolar fortuito dos acontecimentos e não ao poder de decisão de suas próprias mentes e braços.

— Gente, é isso mesmo. Todo poder autoritário é fruto da cessão de direitos por parte do povo, que, quando unido, vence batalhas sem confronto armado, pois governo algum é capaz de promover carnificina explícita nem jogar nas ca-

deias e masmorras um povo inteiro — já era Aluvião Aguardio juntando-se à multidão.

— Povo unido não precisa de heróis nem mártires — gritava Belchior Água Benta, que também acabava de chegar.

Os dois pastores estavam efusivamente felizes. Suas pregações e seus ensinamentos haviam realizado o milagre da libertação, e Deus os havia iluminado para não caírem na tentação de comandar, travestidos de generais, a queda do monstro silencioso. Ambos assistiram ao trilhar do povo até as terras do Capitão Chuvisco andando sobre as próprias pernas, sem nenhuma bengala ou apoio que colocasse em dúvida a sua força e predeterminação, como é tão comum acontecer. Dessa feita o povo foi o herói e saiu do embate ciente de que cidadão educado cuida de si mesmo, natural e independentemente de governo, que, no caso, fica tão-somente com a não menos difícil missão de não atrapalhar nem mover empecilhos à sociedade na realização de seus anseios.

CAPÍTULO XV

SOMBRAS ACESAS



*Meu país latino-tropical
Tingido a pinceladas de cal
Curtido em varais de sal
É castigado por gente de pouca luz
Que o conduz a tristezas de porão
Como quem pretendesse em vão
Manter sombras acesas na escuridão*

Carlos Lúcio Gontijo

Aluvião Aguadio, mesmo se fazendo de rogado, foi elevado a líder religioso e político, com o apoio de todas as associações comunitárias, prometendo a recuperação de Salobra, reconhecidamente prejudicada pelo domínio torpe dos coronéis, cujas manobras agora estavam, feito fratura exposta, totalmente a descoberto. Aluvião, a cada revelação, não deixava de eximir de culpa o governo-geral comandado por João da Paixão, que sempre se fez direcionar pela decisão do povo que, no tocante aos salobrenses, não passava de uma cidadania latente, não exercida de fato, com a grande maioria aceitando a coação das forças oligárquicas e conservadoras na hora das votações. Até a pequena mina d'água que encontraram na área guardada pelo “monstro silencioso”, a qual, segundo os técnicos, poderia ser indicativa de um promissor lençol d'água, era administrada pelos coronéis como reserva de valor. Eles são fiéis ao materialismo. Não lhes importa se juntam sem usufruir, pois estarão vivos na carne através dos filhos, que, por eles, poderão continuar pisoteando as pessoas.

João da Paixão Úmida, assim que foi informado sobre a vitória do povo de Salobra, ordenou que as terras pertencentes aos coronéis fossem divididas entre os lavradores sem terra, movendo uma desapropriação inédita, baseando

sua decisão na constatação de que, se envolvimento direto em tráfico de água acarretava pena de morte, incentivá-lo por intermédio de grandes compras ilícitas do líquido precioso deveria redundar, também, em severa pena.

— Mas por que eles usavam sua riqueza, seu monte de aguanês, para adquirir água de procedência sabidamente ilegítima? — perguntava Riomar a João da Paixão Úmida.

— Ora, por pura ganância e estratégia de poder. O pensamento deles é de que, algum dia, a água gerenciada pelo governo-geral escassearia e eles tomariam conta do fornecimento, cobrando um alto preço dos consumidores.

— Virgem Santa sem Cabeça, quanta falta de sentimento coletivo.

— Pois é, a salvação eterna, para eles, não está ligada à fraternidade do Deus que seu pai decanta aos fiéis em cada culto, mas à quantidade de aguanês que tiverem nos cofres.

— Não é tanto assim, caro João. Eu já assisti a muitos deles chorando a morte de seus filhos.

— Claro, eles também choram, mas o sentido da lágrima não sobe aos céus, vai na direção de seus bens. Para eles, o filho que parte é perda de oportunidade de se tornarem eviternos, por meio de um capataz de confiança e do próprio sangue tomando conta da riqueza que acumularam.

— Lamento, mas tenho que lhe dar razão: essa gente não fala meu bem, apenas meus bens...

João da Paixão caía na risada, quando chega de sopeção o pastor Belchior Água Benta, com os olhos brilhantes e derramando contentamento.

— Que foi, pai, topou com passarinhos verdes no caminho?

— Você e o João estão cegos? Não estão vendo a chegada do tempo novo? Gente, a tribulação por que passamos foi um eclipse divino, demarcando-nos um tempo alvissareiro, onde as quimeras se tornarão realidade. Nossa terra tropical, ardendo em luz e sol, será repintada com novas pinceladas de cal. E os pintores serão os nossos espíritos!

— Parabéns, meu genro pastor. Mas que papel é esse que você traz nas mãos?

— Já ia até me esquecendo de lhe entregar. Trata-se da programação dos festejos em Salobra.

— Vamos ter festa, pai?

— Sim, Riomar. O Aluvião quer dar um presente ao povo.

— E ele merece...

Disparou João da Paixão, enquanto corria os olhos nos itens da programação.

— Como é, João, que está achando? — inquiriu Belchior.

— Popular demais. Partida de futebol vá lá, mas escolha do bumbum mais bonito...

— Que tem de mais, João? Todos apreciam as nádegas bem formadas.

— Aquelas arrebitadas, né pai?

— Essas mesmas!!!

— Nem parece que você é pastor!

— Que tem a ver, João? Deveria ser cego para sê-lo? E não se esqueça de que sou um boêmio inveterado e creio que tudo de que dispomos é sagrado. E essa beatitude é

diretamente dependente da forma com que usamos ou nos utilizamos do livre-arbítrio.

— Isso é desculpa sua para seus vícios.

— Não é não, João. Na sua cozinha tem fôrma de fazer bolo e pães?

— Sim, claro.

— Se sua cozinheira, dona Chica, fizer um bolo de sabor ruim, de quem é a culpa? De dona Chica ou da fôrma?

— Lógico que é da Chica.

— Então. Na cozinha de Deus estão as fôrmas, nós somos os cozinheiros.

— Está bem, você venceu, meu caro pastor Belchior Água Benta.

Chegou a noite da festa. Discursos, barraquinhas com todo o tipo de comida e bebida, muita dança, mas uma verdadeira multidão se aglomerou no campo das pedras, onde à noite, sob o clarão da lua, se daria a partida de futebol entre o time de Saneamento e uma seleção feita com jogadores de Sedenta e Salobra.

Mal começou o jogo e todos viram o porquê de a turma de Saneamento ter feito questão de ficar com a responsabilidade de fornecer as bolas. As pelotas pesavam que nem chumbo, bem ao gosto dos saneamentenses, que, em sua cidade, jogavam num campo próximo de um pântano malcheiroso, fruto de um pequeno braço de mar, onde a bola caía a toda hora. Belchior Água Benta, técnico da seleção, distribuiu as camisas e avisou preocupado:

— Pessoal, a coisa vai ser feia. Eles trouxeram bolas

encharcadas de água salgada e barrenta. Dizem que estão com a partida ganha, pois não estamos acostumados com bola pesada.

— Não importa. Nós vamos ganhar esse embate — bradou Riomar, centroavante do time.

— Pode ser. Mas estou alertando. Até o chefe de torcida deles, o Militão Enchente, está por aí dando seus gritos.

— Já o vi no meio dos torcedores, trajando aquele seu chapelão. O homem não bate bem da cabeça — confirmou um dos comandados do Belchior.

E o jogo começou. Foi o apito soar e lá estava o Militão Enchente, raivoso como sempre, torcedor fanático do time de Saneamento. Sua tática era tentar amedrontar o adversário, dando voltas ao redor do campo e brandindo o seu chicote, aqui e acolá, fazendo levantar a poeira branca da cal que demarcava as linhas laterais. E a cada levantar de poeira, ele gritava:

— Hoje não tem proceis!

Em dado momento do jogo um dos atletas da seleção foi até o treinador Belchior e rogou:

— Pelo amor de Deus, mande alguém deter o Militão.



— Não reclama não, estou fazendo o que posso. Já consegui retirar pelo menos o balde d'água com que o goleiro deles vinha molhando a bola cada vez que pegava na pelota. Quanto ao Militão, ele é uma figura folclórica, o povo morre de rir dele. Não posso fazer nada.

Porém, o pior estava por acontecer. Notaram um jogador do Saneamento, tipo que logo de início chamou a atenção de todos pela camisa novinha e brilhante, chuteira vermelha e cabelos negros e lisos, molhados de pingar água e penteados para trás, como se uma vaca os tivesse lambido.

O estranho jogador fixou-se na faixa divisória do meio de campo e ali ficava como se tivesse demarcado um território particular, a dar botinada em todo adversário que via pela frente. Sua vocação para achar o corpo do “inimigo” era tamanha que, se a bola fosse retirada da quadra de jogo, ele nem sentiria a falta dela.

— Riomar, Riomar — gritou o pastor Belchior. O filho atleta veio até a beira do “gramado de areia”.

— Riomar, pergunte ao Gato Seco, o número quatro deles, que é nosso amigo, que jogador é aquele treze deles.

E assim procedeu Riomar. Na primeira oportunidade arriscou.

— Ô Gato Seco, que 13 doidão é esse?

— Não há de ver que você acertou! O homem é doido mesmo. Saiu hoje mesmo do centro de tratamento de doentes mentais de Saneamento, e nós estamos estreando ele.

Riomar, como bom capitão, cuidou logo de avisar aos companheiros, que passaram a desviar da área conflagrada, em que o desmiolado se estacionara.

Daí, para surpresa de todos, o demente resolveu botinar, enfiar o pé em seus próprios companheiros de time. E, ao ver que o feitiço virara contra o feiticeiro, não demoraram a substituir o atleta doidão.

O público presente foi ao delírio com a cena circense. E, daí em diante, a partida seguiu dentro dos preceitos da normalidade, terminando com a vitória da seleção de Sudenta e Salobra por 2 x 1 sobre o time de Saneamento.

Já nos vestiários, nem bem terminada a partida, Belchior Água Benta voltava à sua condição de pastor e conscientizador social. Reuniu o pessoal para agradecer o empenho e a colaboração e aproveitou para indicar mais uma lição vivida por todos.

— Amigos, o cidadão tem que estar sempre atento, para detectar o enlouquecimento de seus governantes, que, quando se metem em excesso de auto-suficiência, costumam, como se deu com o jogador louco de Saneamento, atacar e impor maus-tratos à sua gente, como quem, perdido em seus próprios erros, passasse a ver inimigos por todos os lados.

Todos concordaram com a filosofia do pastor, mas impregnados pela herança cultural dos fundadores, estavam mesmo é afoitos para o concurso de melhor bumbum, que seria realizado durante o dia, em plena boemia, quando se imaginava não ferir o puritanismo dos que se autoflagelam ao jejuar de prazeres naturais, ao negar os arrepios da carne, rebaixando o dom divino da sensualidade a ato mórbido, inerente à demolatria.

Belchior, Aluvião, Otávio Salgado, Luzfonte e Maria da Paixão faziam parte do corpo de jurados.

— É a primeira vez que enfrento o dia — Maria da Paixão dizia.

— Por tabela, você já viveu a mais intensa boemia— Luzfonte rebatia.

— Não estou entendendo você.

— Não brinque, Maria. Você se esqueceu de que é casada com o pastor Belchior, que está aqui de olhos explicitamente em festa?

— Nem precisa falar, eu estou vendo.

— Silêncio, chega de conversa. Vamos prestar atenção nas meninas.

— Ô Luzfonte, você olha a parte de cima, que eu olho a parte de baixo.

— Deixa de bobagem, Riomar...

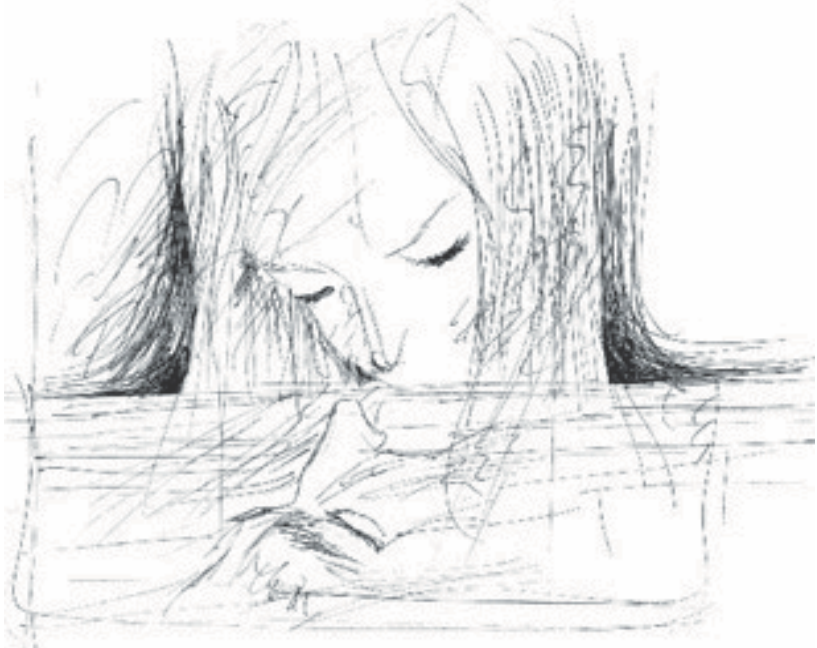
E o desfile começou. Tão cheio de nádegas moldadas em fôrma abençoada por Deus que os jurados se confessavam perdidos. Mas ao final chegaram a um veredicto, anunciado por Aluvião Aguadio, presidente da mesa:

— Amigos, ganhou Joana Balaio, aliás um balaio cheio de votos...

E o povo tanto riu quanto aplaudiu a indicação de Joana Balaio, com todos os predicados e curriculum para merecer o primeiro lugar, que lhe valeu um prêmio de 500 aguaneses.

CAPÍTULO XVI

MEIO-PEDRA



*Amor, envolto nos laços de seu corpo
Sinto-me solto no espartilho de seu abraço
Sei que sou meio-pedra em sangue
Mas você, garimpeira de boa lavra
Balbucia-me palavra doce, descobre o manguê
Num beijo profundo
Vai fundo à fonte natural
E extrai de minha boca a saliva mineral...*

Carlos Lúcio Gontijo

Belchior Água Benta não via a hora de explorar a mata que abrigava mais uma mina d'água, que poderia representar a redenção de Salobra. Terminou a missa das 18 horas e passou em casa.

— Maria, já arrumei minha mochila, selei a mula e vou refrescar a cabeça na terra nova.

— Que terra nova, Belchior? Aqui todo mundo conhece tudo.

— Não, Maria. A terra dos coronéis a gente só via de longe. E só agora a gente sabe que tinha ouro.

— Que ouro, querido?

— A água, Maria. A água. Em tempo algum desse planeta, houve povo que sobreviveu sem dispor de água potável suficiente.

— Está bem, Belchior. Não esqueça de se despedir do filho Mariano, senão sobra para mim. Fica com uns olhos de cadê papai...

Belchior abraçou o filho, prometendo trazer-lhe umas pedrinhas de cristal, apesar de o garoto ainda ser tão-somente um bebê. Poeta que era estava ávido por fazer uma caminhada no meio da noite, deitar numa pedra fria sobre a luz do luar e receber no rosto o frescor da brisa noturna, única aragem possível naquele fim de mundo. Ao pensar assim, sua mente divagou...

Já li muitos registros em que nossos fundadores narram passagens em que achavam ter chegado o marco do fim da espécie humana. Eu, cá neste buraco, perdido talvez em uma outra incaptável dimensão, fico a imaginar se o mundo deles realmente não acabou e se não fomos atingidos por já sermos, literalmente, o fim do mundo materializado.

Riu sozinho e resmungou. Virgem Santa sem Cabeça, que desvario mal agradecido desse seu pastor. Mas, minha protetora, não pedirei perdão, pois isso não é mau pensamento e, além do mais, sou um belo espécime do gênero humano: poeta, boêmio e às vezes angelicamente fálico, porém sobretudo pastor e crente no mistério das energias invisíveis. E vem falar que a senhora não gosta dessa minha sinceridade. Não fosse assim, eu não seria tão abençoado quanto sou.

Quando deu por si, estava num recanto da pequena mata que ainda não havia sido garimpado pelos moradores de Salobra. Encantou-se com os vaga-lumes que faiscavam aos montes e filosofou: até parece que esses bichinhos estão festejando a liberdade. Quem sabe eles não viviam algemados pelos coronéis. Ah, bobagem minha, essa gente nunca parou para embevecer-se com vôo de pirilampos. O único brilho que cortava a escuridão de suas noites, era o brilho de suas armas e o fogo de seus chicotes. Prosseguia nesse descompromisso quando avistou um casal de gatos-do-mato saindo de uma pequena caverna iluminada pelo clarão da lua cheia, que transformava a noite em quase dia. Entrou abaixado e tateando medrosamente aquela escavação em

pedra que não passava de um metro e meio de profundidade por uns oitenta centímetros de largura. Foi aí que ele deu com uma espécie de caixinha que retirou cuidadosamente, tendo sempre em mente o perigo de ser picado por uma cobra.

Pegou a caixinha carcomida pelo tempo e subiu até uma laje esbranquiçada que espelhava os raios do luar. Ao abrir a caixa, estremeceu, clamou por

santos conhecidos e desconhecidos, cingiu em um só feixe anjos e espíritos, pois o que estava em suas mãos era nada mais, nada

menos do que a cabeça da Virgem Santa. O pastor entrou, então, no mais profundo dos dilemas, o qual ele deveria solucionar

solitariamente, não havia ninguém com quem pudesse compartilhar a busca da decisão correta. Estava na pedra e na pedra ficou, com os olhos fixos no céu como quem almejas-se a intervenção da sabedoria divina.

Começou suas indagações procurando saída através da análise do passado, mas percebeu imediatamente que



todo o seu problema só encontraria resposta dentro da importância e da interferência que seu achado teria sobre o sonho e a singular cultura religiosa alicerçada no fato de a imagem da santa não possuir cabeça e os primeiros pastores terem trabalhado com inteligência, tirando todo o proveito psicológico possível de seu aleijão, que, sem o traço filosófico aplicado ao caso, teria posto tudo a perder. Sabiamente, os religiosos conseguiram passar a idéia de que o normal era mesmo os santos não terem cabeça, a auréola invisível estava ali exatamente à espera do cérebro dos devotos, que receberiam em troca a energia do corpo da imagem sacra, da qual seriam o pensamento e os olhos, e em nome dela agiriam.

Houve a construção de uma inquebrantável cadeia sinérgica ligando e firmando uma relação de interdependência entre a Virgem Santa sem Cabeça e seus fiéis.

Ao encontrar o fio da meada, Belchior Água Benta começou a pincelar em sua mente o que teria acontecido no passado. Como a cabeça da Virgem Santa fora parar naquela bolorenta e estreita caverna? Só pode ser ato de um outro pastor que, talvez, a tenha encontrado nas profundezas do mar-lagoa que banha a Terra do Sol Eneblinado. Perdido no coerir das aflições, com medo de tomar uma decisão de que mais tarde se arrependesse, optou por esconder a cabeça, na esperança de que o passar do tempo trouxesse uma realidade mais benfazeja e menos surrealista, mas ainda completamente indesejável e distante para as teias traçadas pelas aranhas do costume, onde se prendem o sonho e o espírito de todas as pessoas.

Pode ser, conjecturou Belchior, que a filosofia religiosa em torno da Virgem Santa sem Cabeça fosse um experimento de aceitação recente àquela época distante. Mas agora, como se sucede com a água, a Virgem Santa sem Cabeça é a essência, casulo em que se concentram todos os fundamentos religiosos e políticos, servindo inclusive como fator de esmaecimento do instinto dado a credices e misticismos desvairados, provocando tibiezas e enfraquecimento da vontade, vazios interiores que conduzem os homens ao nada produtor de deus-dará, por absoluta ausência da contrapartida da labuta persistente.

Belchior não se fez surdo à voz do coração e ao som das clareiras abertas pela razão, pegou uma pedra e esmiçalhou sem piedade a cabeça da santa. Juntou o pó na palma da mão e jogou no olho d'água que fluía lentamente: “Que dessa feita a cabeça da santa aja por nós e faça essa fonte jorrar abundantemente”.

O dia já era tardiamente raiado quando o pastor retornou ao lar, exalando cansaço por todos os poros e alma, onde sepultara um segredo inconfessável e com o qual haveria de morrer.

— Nossa, Belchior, você está num bagaço só.

— Isso é verdade, Maria. Todavia bastam-me algumas horas de sono e eu estarei de pé. Estou louco para chegar a hora do culto, não sei por quê, mas estou louco para ver a imagem da Santa Virgem sem Cabeça.

— É, você usou o termo certo. Só louco mesmo para ter saudade de uma coisa que vê todos os dias.

— Não é isso não, Maria. É que hoje, distante de tudo e de todos, tendo por companhia apenas a Natureza e os céus, eu pude refletir quanto essa imagem é responsável pela sociedade em que vivemos. Ela influi praticamente em todos os nossos costumes. Veja por exemplo que, entre nós, dificilmente se relaciona ou se cita alguma pessoa pela cor. Nossa santa não tem rosto e ao mesmo tempo possui todas as faces; seu manto lhe cobre as mãos e os pés. Definitivamente, jamais saberemos a pigmentação de sua pele e ela será para sempre uma imagem sagrada, um corpo de luz, como o sol, como Deus e os espíritos.

— Ainda bem que é assim, querido.

E batearam afagos, friccionaram seus corpos até acenderem o fogo do desejo e fazerem o amor que “avirgina”, antes de desvirginar...

CAPÍTULO XVII

LIÇÃO DE CASAL



*Eu me derramo em sua pele
Feito tinta no papel
E entramos em gozo tão enjanelado
Que Deus tira da onipotência o véu
Para assistir despojado
A outra forma de grudar estrela no céu*

Carlos Lúcio Gontijo

Os dias se passaram velozmente, enfileirando semanas, meses, anos. Maria da Paixão Úmida já aguardava o nascimento do segundo filho; Riomar e Luzfonte tinham ido mais longe: três filhos. João da Paixão continuava não indo às missas, mas deixava uma estratégica abertura no portão de sua casa para que o bodinho fosse cumprir a tradição solitariamente, pois o bode mais velho já era falecido.

A água encontrada na terra dos coronéis jorrava abundantemente e, crédulo, Belchior creditava o fato a um milagre que ele jamais poderia revelar, pois emanava do pó da cabeça da imagem da santa padroeira...

Todavia, apesar dos incontestáveis avanços, Terra do Sol Eneblinado ainda se debatia com os problemas sociais oriundos da lei do passe-livre, mais conhecida como lei FHC, que continuava conspirando contra o fortalecimento da vida conjugal e punindo o Estado com o ônus de cuidar de centenas e mais centenas de crianças sem lar.

Os centros de abrigo e escola viviam superlotados de meninos e meninas que, mesmo bem tratados e educados, não contavam com o fio condutor de ternura, só encontrado dentro dos lares.

— Sem o calor dos pais, todo ensinamento corre o risco de colaborar para o enriquecimento dos graus de violência

social, perpetrados cada vez mais engenhosamente.

— Mas o que fazer, Belchior? Eu também tenho certeza de que sabedoria sem sensibilidade humana acaba da mesma maneira que ciência desprovida de conteúdo filosófico.

— A saída, João da Paixão, é amenizar, encontrar algum lenitivo para os efeitos ruinosos da lei, enquanto a grande maioria da população não se move em prol de sua completa extinção.

— De que jeito, Belchior?

— Reunamos o conselho de governo e as associações comunitárias para discutir o assunto e, em seguida, apresentaremos uma emenda à lei do sociólogo Fernando Honoris Carcará, tendo por princípio elevar a responsabilidade paterna. Que o homem, se assim lhe aprouver, continue seguindo o velho costume, mas que pague um alto preço por ele.

— Você tem razão, pois, a partir do momento em que o Estado deixar de ser o responsável direto por filhos, planejada e desabridamente abandonados, os machões pensarão duas vezes antes de dar asas a seus instintos carnais, comeditos à maneira do pavão, pois que efetivados apenas para “aparecer” diante da sociedade.

— Pois é, de agora em diante, vamos trabalhar junto às bases pela aprovação da taxação. Todos entenderão, até mesmo os defensores do velho hábito, que, a continuar do jeito que está, o Estado estará, em breve, padecendo de desequilíbrio em suas contas, comprometendo a estabilidade do aguanês.

— E, por favor Belchior, um dia antes da votação, faça

um sermão, tendo como tema a valorização da família.

Votação marcada, e lá estava o pastor com a sua pregação...

— Caríssimos fiéis, Deus, quando resolveu enviar-nos o seu filho, houve por bem fazê-lo nascer no seio de um lar, transformando a família em célula-mater de sua divindade. Então, se até Deus vislumbrou a importância da experiência em família para a formação de Jesus Cristo, por que nós, simples mortais, ousamos sustentar uma lei que fere de morte a sobrevivência de uma instituição indispensável para o alicerçar de cidadãos embebidos em sensibilidade e ungidos pelo amor e a fraternidade familiar. Os ninhos e as casas, ainda que vazios, exalam cheiro de amor, calor e ternura; uma prisão, um asilo, um orfanato, mesmo que cheios e bem cuidados, exalam a triste fragrância do abandono, do não ter com quem contar. Terra do Sol Eneblinado tem visto todo seu projeto de igualdade social se perder nos centros de abrigo e escola superlotados e no crescimento desenfreado da população de Saneamento, para onde mandamos os que cometem atos violentos, os que se enlouquecem exatamente pela solidão doentia derivada de uma criação sem o conforto de um lar. A Natureza nos ensina a necessidade de zelo e carinho com os recém-nascidos. Os animais só deixam seus filhotes após prepará-los para a obtenção do próprio sustento. O fruto só desprende da árvore após a sua completa maturação, apenas os homens vêm se eximindo do cumprimento dessa ordem natural em que se apóiam tanto o mundo dos racionais quanto o dos não-racionais, que surpreendentemente

se mostram mais respeitadores de seus instintos. É por isso que as cabras continuam se comportando como caprinos, os bois, como bovinos e assim por diante. Apenas os homens têm conseguido transformar negativamente o comportamento de alguns da sua espécie, fazendo eclodir a violência, o caos e a ausência de amor ao próximo, cada vez mais distante, à medida que não amamos nem respeitamos nossas esposas e filhos. Oremos, irmãos.

— Oh, Virgem Santa sem Cabeça...

Nem bem rezara a oração com que costumeiramente terminava cada missa, Belchior escuta os gritos de Luzfonte.

— Belchior, Belchior!

— O que foi, mulher, que foi?

— Minha nossa, já estou indo.

— Não se preocupe, não. É Maria da Paixão, mas a Correnteza das Ervas já está com ela.

Logo que entraram em casa, ouviram um choro de criança ecoando no ambiente. Era uma menina saudável e forte que acabava de nascer. O pastor nem pestanejou. Recordou do dia em que estilhaçara a cabeça da imagem da Virgem Santa sob a luz da lua e sugeriu peremptória e renitentemente:

— Maria, nossa filha se chamará Luara.

— Taí, apesar de seu rompante ditatorial, eu gostei. Soa bem. Mas de onde você tirou esse nome?

— Daquele dia em que fui explorar pela primeira vez a área em que ficavam as fazendas dos coronéis.

— Eu me lembro, Belchior. Eu me lembro!

— E tem mais: Luara é a lua recebendo tratamento de verbo e conjugado segundo o tempo em nosso coração.

— Já percebi, Belchior. Eu luaro, tu luaras, ele Luara...

Não tardou e surgiu João da Paixão em ofegante alegria.

— Abram alas, gente. Eu sou o avô. E só para você ficar mais contente, Belchior, trago-lhe a notícia de que a turma aprovou a taxa para os que insistem em tornar perene o uso da lei do passe-livre.

Todos os presentes deram vivas. E Belchior, em meio ao burburinho, correu até o quarto, voltando com um poema talhado em um enorme pedaço de madeira.

— Que é isso, pai?

— Riomar, guardo este poema há muitos anos, esperando pelo dia em que a sociedade redescobrisse a necessidade de manter aceso o candelabro do amor e da família.

— Ajude-me aqui, João da Paixão, o quadro é pesado.

— Aonde o senhor vai com essa obra talhada, pai?

— Pretendo pendurá-la no altar da igreja. Incentivarei os casais a tirarem cópias e fixarem o quadro na sala de suas casas, para que os visitantes saibam que estão em uma moradia onde os casais se amam e não se separarão por razões abjetas e fúteis, atendendo aos apelos do modismo e da inconseqüência.

Compenetrados no transporte do quadro, nem perceberam que o vozerio havia atraído um grande número de fiéis e amigos. Calmamente, colocaram o quadro na parede do altar.

— Ô pastor, o senhor não vai ler o poema para nós?

— Pode deixar, Belchior. Eu leio, pois afinal ninguém mais

que eu estive tão perto de ter toda a vida torpedeada por essa lei iníqua:

— Silêncio, gente! Luzfonte lerá para vocês o poema intitulado *Oração dos casais*, anunciou o pastor Belchior Água Benta:

*Meu bem, sei que Deus protege os casais
Semeia trigais de ternura na pele
Para que o amor sele as marcas da procura
Então, na hora em que a gente for dormir
Façamos jus aos cuidados do Senhor
Por favor, acenda-me quando apagar a luz!*

Destarte, envolvidos na tepidez do casulo do amor verdadeiro, cuja eternidade consiste em estar sempre em construção, banharam-se na certeza grandiosa e simples de que **O CARINHO É O ARTESANATO DO CORPO: É O SENTIMENTO FEITO A MÃO.**

E todos renderam graças à redescoberta de seus céus interiores, que, uma vez estendidos, são a única forma de afixar e fisgar estrelas no espaço sideral recôndito e íntimo do coração daqueles a quem amamos:

— Oh, Virgem Santa sem Cabeça...
Rezaram em coro, mais uma vez...



BIOGRAFIA

HOMENS-ARRUDAS: À beira desta água nenhuma flor tem cheiro / À beira desta água fede o fruto do coqueiro / E a lã alvadia dos carneiros / À beira desta água correm as fezes cotidianas / De perfumadas madames e de suadas ciganas / À beira desta água tudo se mistura / A candura do pão molhado e a luxúria do caviar / As carnes magras e as carnudas / À beira desta água a promiscuidade / E a veleidade dos homens-ARRUDAS.

Carlos Lúcio Gontijo nasceu a 27 de abril de 1952. Em Santo Antônio do Monte, cursou o primário no Grupo Escolar Waldomiro de Magalhães Pinto. Fez o ginásio e parte do Curso de Contabilidade na hoje Escola Estadual Senhora de Fátima (mas antes simplesmente o “Colégio da Dona Maria Angélica de Castro), complementando-o no Colégio Visconde de Cairu, na capital mineira. Em seguida diplomou-se em Jornalismo pela FAFI-BH, hoje UNI-BH, no ano de 1976, passando, então, a atuar como jornalista do “Diário da Tarde”, do grupo S.A Estado de Minas (Diários Associados), desde outubro de 1977, onde mantém um artigo semanal (toda 5ª feira). É portador de título de Honra ao Mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), do “Troféu Magnum de Cultura”, homenagem do Colégio Magnum Agostiniano, em comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte (1997), membro titular e correspondente da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência e da Academia de

Estudos Literários e Lingüísticos, ambas de Anápolis – GO, além de dar nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC), em Santo Antônio do Monte (Biblioteca Poeta Carlos Lúcio Gontijo).

Carlos Lúcio é casado com Nina; pai de Amanda e Lucas; e avô de Luara.

*Lançou os livros **Ventre do Mundo** (poesia, 1977), **Leite e Lua** (poesia, 1977), **Cio de Vento** (poesia, 1987), **Aroma de Mãe** (poesia e prosa, 1993), **Pelas Partes Femininas** (poesia e prosa, 1996), **O Contador de Formigas** (romance e poesia, 1998 – 1ª edição / 1999 – 2ª edição), e agora, em 2002, **O Ser Poetizado** (poesia e prosa), **O Menino dos Olhos Maduros** (novela e poesia) e **Virgem Santa sem Cabeça** (romance e poesia), em comemoração aos seus 50 anos de idade e 25 de literatura, isso levando-se em conta tão-somente o marco do lançamento de seu primeiro livro, quando sua mãe Betty ainda era viva e com ele compartilhava o mesmo teto, junto de seus irmãos e de seu pai José Carlos, um patrocinador de primeira hora de alguns de seus livros.*

*O poema com que abrimos essa biografia, uma referência ao poluído Ribeirão Arrudas, verdadeiro esgoto a céu aberto em Belo Horizonte, é dos mais antigos do autor, que assim como percorre com desenvoltura os temas sociais, sempre perambulou de coração ensolarado pelos caminhos do romantismo, a exemplo do poema “**Romã**”, outro título curtido no tempo que passou e do qual lançamos mão para fechar, resumidamente, esses dados biográficos:*

**Meu amor, sólido e líquido / Roçar e calor de virilhas
/ Raio penetrante da manhã / Que se ilha no leito / E divi-
dido sangra no peito / Feito partilha da romã. Ou, ainda,
misturando amor e economia, como no poema “**Outro La-
drão**”, publicado no livro **Cio de Vento: Perdoa-me, meu
amor / Se lhe chego com as feridas da rua / Se lhe trago
as recusas do patrão / Se a abraço suado / Se a beijo
salgado / Se em esgotos lassos serpenteia a sociedade
/E se está magra a cesta da feira / Creia-me, lá no merca-
do, outro ladrão / Roubou-nos a fome...****

A OBRA LITERÁRIA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO:

- **Ventre do Mundo** (Poesia – 1977)
- **Leite e Lua** (Poesia – 1977)
- **Cio de Vento** (Poesia – 1987)
- **Aroma de Mãe** (Poesia e prosa – 1993)
- **Pelas Partes Femininas** (Poesia e prosa – 1996)
(Edição de “Coletânea” em dois volumes, contendo os cinco primeiros livros
1998)
- **O Contador de Formigas** (Romance e poesia –
1998 / 1ª edição; 1999 / 2ª edição)
- **O Ser Poetizado** (Poesia e prosa – 2002)
- **O Menino dos Olhos Maduros** (Novela e poesia –
2002)
- **Virgem Santa sem Cabeça** (Romance e poesia –
2002)

(Todos os poemas podem ser adquiridos, ampliados, em moldura - 35 x 50 cm - “Telaescrita”, segundo o gosto do leitor).

Pedidos de livros: Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1107 / 402, Bairro Eldorado – Contagem / MG – CEP 32 341-100

Fone: (31) 3351- 6924

e a paixão com que se entrega à arte de escrever.

Carlos Lúcio Gontijo iniciou os primeiros passos nas hostes literárias através da poesia, lançando *Ventre do Mundo* em 1977, um “parto” ocorrido em sua juventude e que lhe garante uma longa história (hoje nove livros) para ser contada nessa tortuosa área literária, onde muitos talentos desistem antes mesmo de começar.

Temos a destacar que Carlos Lúcio Gontijo inaugurou uma nova forma de apresentar os seus romances: ele introduz, sempre, na abertura dos capítulos de ficção, um poema. Assim ocorreu no romance *O Contador de Formigas* e, agora, no *Virgem Santa sem Cabeça*, como uma forma criativa de não abandonar e ser fiel às suas raízes poéticas.

Este romance, *Virgem Santa sem Cabeça*, nos oferece a oportunidade de uma boa avaliação da criatividade do autor. Jornalista também há 25 anos, Carlos Lúcio mantém um prestigiado artigo que é publicado às quintas-feiras no jornal “Diário da Tarde”, no qual coloca em discussão temas da atualidade. E, talvez influenciado pelo jornalismo, seus livros de ficção apresentam na sua narrativa todos os componentes relativos à globalização e à crise política e econômica que insistem em rondar a vida dos povos que habitam as nações pobres do segundo e terceiro mundos. Porém, é bom que ressaltemos que o autor, mineiro de Santo Antônio do Monte, insere os elementos característicos do jornalismo em sua obra literária sem mover qualquer prejuízo à criação ficcional, sendo os seus personagens bem construídos, bem-feitos e sempre capazes de refletir o real dentro do irreal, que muitas vezes é mais verdadeiro que a existência frágil e incerta dos homens do nosso tempo, como acontece em *Virgem Santa sem Cabeça*.

Geraldo Ribeiro de Barros
Juiz federal aposentado,
poeta e jornalista

FRUTO JOGADO

(ou uma carta a Santo Antônio do Monte)



Na casa em que morei
Em minha Santo Antônio distante
Radiante um pessegueiro plantei
Que cuidei como ao primeiro amor
Quanta dor das vezes que passo por lá
Eu na ponta dos pés
Pessegueiro na ponta da raiz
Abrimos janelas no imenso muro
Do escuro de uma separação infeliz
Pra não me deixar na calçada, eu luto
Enquanto ao vento sacode o pessegueiro
Tentando jogar-me o derradeiro fruto...



Impressão patrocinada pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Monte.
Administração dr. Wilmar de Oliveira Filho
TODA CIDADE É REFLEXO DA CULTURA DE SEU POVO.